Capítulo 9

Lista de árvores nativas do sul da Bahia

Regina Helena Rosa Sambuichi
Luiz Alberto Mattos Silva
Murilo Figueredo Campos de Jesus
José Lima da Paixão

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SAMBUICHI, R.H.R., SILVA, L.A.M., JESUS, M.F.C., and PAIXÃO, J.L. Lista de árvores nativas do sul da Bahia. In: SAMBUICHI, R.H.R., MIELKE, M.S., and PEREIRA, C.E., org. *Nossas árvores: conservação, uso e manejo de árvores nativas no sul da Bahia* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2009, pp. 171-157. ISBN: 978-85-7455-515-7. Available from: doi: [10.7476/9788574555157.0010](https://doi.org/10.7476/9788574555157.0010). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/pkb78/epub/sambuichi-9788574555157.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CAPÍTULO 9

LISTA DE ÁRVORES NATIVAS DO SUL DA BAHIA

Regina Helena Rosa Sambuichi

Luiz Alberto Mattos Silva

Murilo Figueredo Campos de Jesus

José Lima da Paixão

Uma das características mais marcantes da Mata Atlântica no sul da Bahia é a sua impressionante riqueza de espécies de árvores nativas. Em um único hectare de floresta, em algumas localidades, é possível encontrar mais de 450 diferentes espécies lenhosas com DAP (diâmetro a 130 cm do chão) $\geq 5,0$ cm, um dos maiores índices de riqueza desse tipo em florestas do mundo. Além disso, as espécies que ocorrem em cada localidade podem variar muito de acordo com as variações ambientais de solo, relevo e clima existentes na região. É importante ressaltar também que muitas dessas espécies são endêmicas, sendo encontradas apenas na faixa da Mata Atlântica que abrange o sul da Bahia e o norte do Espírito Santo. Estudos mostram que mais de 20% das espécies vegetais encontradas nos levantamentos são endêmicas à essa região.

Outra característica marcante é a falta de conhecimento sobre essas espécies. Muitas foram descobertas recentemente e, a cada novo levantamento realizado, são encontradas novas espécies desconhecidas para a ciência. Se para muitas espécies não temos ainda nem a sua descrição botânica, para a maioria desconhecemos completamente as suas características ecológicas. Isso se constitui em um sério problema para a conservação da biodiversidade na região, pois os conhecimentos ecológicos básicos, como preferências ambientais, estratégias reprodutivas e dinâmicas populacionais, são fundamentais para orientar as ações que visam à conservação das espécies.

Não podemos, porém, esperar que tenhamos todo esse conhecimento para empreender as ações de conservação, pois diante da situação crítica em que se encontram os remanescentes de floresta da região, devido ao desmatamento, fragmentação e outras ameaças, são necessárias medidas urgentes para deter a perda irreparável de espécies, o que já está acontecendo. Por outro lado, além das ações diretas de conservação, é preciso incentivar e intensificar a pesquisa básica, que gerará subsídios para ações mais efetivas.

Neste capítulo, apresentamos uma lista com algumas das principais espécies arbóreas nativas que ocorrem no sul da Bahia, descrevendo resumidamente as suas principais características botânicas e ecológicas, com o objetivo de divulgar os conhecimentos existentes a respeito dessas espécies e assim contribuir para orientar as ações de conservação na região. As informações apresentadas são baseadas em consultas a coletas depositadas nos herbários CEPEC, HUESC, NYBG e MBG, em pesquisas de campo ainda não publicadas e em dados exis-

tentes na literatura. As informações referentes à época de floração e frutificação das espécies foram obtidas para localidades situadas no sul da Bahia e podem sofrer variação de uma região para outra de acordo com as variações climáticas e as consequentes alterações na fenologia das espécies. É uma pequena contribuição em relação ao universo de árvores existentes na região, mas que pode auxiliar o desenvolvimento de ações de conservação, uso e manejo das espécies.

Para facilitar a consulta, as espécies foram organizadas por nome popular, mas é preciso ressaltar que os nomes populares podem variar muito de uma região para outra, assim como várias espécies diferentes podem ser conhecidas pelo mesmo nome popular. Assim, é sempre importante coletar ramos férteis das plantas e levar aos herbários e especialistas botânicos para uma identificação mais segura das espécies.

Descrição das espécies arbóreas

AÇOITA-CAVALO

(*Luehea divaricata* Mart. - Família

Malvaceae, ex-Tiliaceae)

Características: árvore com altura entre 15 e 30 m. Tronco bifurcado e com crescimento irregular, tendo a copa larga e densa. Fruto tipo cápsula lenhosa e pilosa.

Distribuição geográfica: ocorre desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul.

Usos: a madeira é empregada na confecção de móveis, indústria de calçados e na construção civil. Também é utilizada como árvore ornamental pela exuberância das suas flores e frequentemente em reflorestamentos de áreas degradadas e de relevos íngremes. Pode ser usada como árvore de sombra na pecuária devido a sua copa alta e densa. As flores são melíferas.

Informações ecológicas: espécie encontrada na floresta ombrófila, semidecídua e mata-de-cipó. Ocorre em formações secundárias, matas ciliares, florestas perturbadas, áreas de cabruca, clareiras e pastagens. É uma espécie secundária de médio crescimento.

Obtenção de sementes: aguardar o início da abertura espontânea dos frutos e coletá-los direto na árvore. Um quilo contém em média 200.000 sementes.

Produção de mudas: possui sementes com índice irregular de germinação variando de 20 a 75%, perdendo seu potencial germinativo com o aumento do tempo de armazenamento. Por isso, devem ser semeadas assim que coletadas, em canteiros pouco sombreados, com solo argiloso. Irrigar duas vezes ao dia. A emergência acontece após oito a 74 dias da semeadura.

Floração: de janeiro a maio.

Frutos maduros: de março a agosto.

**AMESCLA, AMESCLA-MIRIM,
AMESCLA-DA-PRAIA, BREU-AMESCLA,
INCENSO, BREU-BRANCO-DA-PRAIA**
(*Protium heptaphyllum* (Aubl.)
Marchand - Família Burseraceae)

Características: árvore com altura entre 10 e 30 m, apresentando resina aromática, folhas compostas e frutos maduros avermelhados.

Distribuição geográfica: ampla distribuição, encontrada em todo o Brasil.

Usos: a madeira é empregada em ambientes internos na construção civil. Possui característica ornamental devido à sua copa densa que proporciona uma ótima sombra, podendo ser usada em meio urbano e rural. A sua resina aromática é usada popularmente como incenso e na medicina caseira para gastrite e afecções das vias respiratórias, sendo também usada na indústria para produção de cosméticos. Tem grande importância em restaurações florestais por ser uma espécie atrativa da fauna devido ao arilo adocicado que envolve as suas sementes.

Informações ecológicas: a espécie ocorre principalmente na floresta ombrófila, em formações primárias e secundárias, matas ciliares, restinga arbórea e áreas de cabruca. As sementes são dispersas por aves e diversos animais.

Obtenção de sementes: aguardar o início da abertura espontânea dos frutos e então coletar as sementes no chão ou direto na árvore. As sementes devem passar por uma secagem mais longa para o armazenamento devido ao arilo em volta das mesmas. Elas perdem rapidamente a viabilidade quando armazenadas. Um quilo de sementes secas contém, em média, 11.000 sementes.

Produção de mudas: possui sementes com baixa taxa de germinação. Semear assim que coletadas em canteiros pouco sombreados e irrigar uma vez ao dia. A emergência acontece com 15 a 25 dias da sementeira.

Floração e frutos maduros: em geral de outubro a fevereiro, mas pode variar bastante com o ano e a localidade.

Espécies afins: outras espécies da mesma família que apresentam características gerais semelhantes são também conhecidas pelo nome de “amescla” na região sul da Bahia, como *Protium aracouchini* (Aubl.) March., *Protium bahianum* D. C. Daly e *Tetragastris catuaba* Soares da Cunha.

ANGELIM

(*Andira* spp. - Família Fabaceae)

Características: essa denominação é dada a várias espécies do gênero *Andira* que ocorrem na região. Em geral, são árvores com 5 a 25 m de altura, folhas compostas e fruto tipo legume, ovoides e indeiscentes, com uma única semente grande.

Distribuição geográfica: pode variar com a espécie.

Usos: a madeira é pesada, usada em geral para construção civil, obras externas, postes, mourões, estacas. São árvores ornamentais, indicadas para plantio em restauração florestal como atrativas da fauna e para melhoramento do solo, pois muitas apresentam simbiose com bactérias fixadoras de nitrogênio.

Informações ecológicas: espécies encontradas na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária.

dária, ocorrendo também em áreas de cabruca. Os frutos são consumidos por diversos tipos de animais.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser coletados no chão ou direto da árvore quando iniciar a queda espontânea. A retirada da semente do fruto é trabalhosa, podendo estes ser usados diretamente na semeadura.

Produção de mudas: colocar as sementes (frutos) para germinar, assim que colhidas, direto nos sacos individuais. Deixar em ambiente semissombreado e irrigar duas vezes ao dia. A taxa de germinação em geral é alta. O crescimento das mudas é moderado.

Floração e frutos maduros: podem variar com a espécie.

Espécies afins: além das várias espécies do gênero *Andira* que ocorrem na região, como *Andira anthelmia* (Vell.) J. F. Macbr., *Andira fraxinifolia* Benth., *Andira nitida* Mart. Ex Benth., *Andira vermifuga* (Mart.) Benth. e *Andira pisonis* Mart., outras espécies de outros gêneros, como *Vataireopsis araroba* (descrita abaixo) e *Dimorphandra jorgei* M. F. da Silva (angelim-vermelho ou falso-angelim), são conhecidas também por essa denominação geral.

ANGELIM-ARAROA, AMARGOSO, ARAROA, PAU-AMARGOSO (*Vataireopsis araroba* (Aguiar) Ducke - Família Fabaceae)

Características: árvore com altura entre 20 e 35 m. Casca rugosa. Folhas discolores. Flores com pétalas de cor lilás.

Distribuição geográfica: encontrada desde o sul da Bahia até o norte do Rio de Janeiro.

Usos: a madeira é empregada em ambientes externos nas fazendas em currais, mourões, postes e pontes, além de ser bastante utilizada na construção civil. Da casca se extrai o “pó de araroba” ou “pó da Bahia”, que é usado na medicina alternativa. Indicada para plantio de enriquecimento em áreas de restauração.

Informações ecológicas: espécie encontrada na floresta ombrófila primária, ocorrendo também em florestas perturbadas e em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: os frutos (sâmaras) podem ser coletados direto da árvore ou no início da queda espontânea. Devido ao trabalho, é inviável a retirada da semente do fruto, sendo esses utilizados diretamente na semeadura.

Produção de mudas: colocar as sementes (frutos) para germinar assim que colhidas, pois perdem a capacidade de germinação com o tempo, em canteiro de pouca sombra ou direto em saquinhos ou tubetes, e irrigar duas vezes ao dia. O crescimento é lento.

Floração: de junho a setembro, no período da queda das folhas.

Frutos maduros: de julho a outubro.

ARAÇÁ-D'ÁGUA

**(*Terminalia kuhlmannii* Alwan & Stace -
Família Combretaceae)**

Características: árvore com altura entre 20 e 35 m. Casca lisa, de cor marrom-claro a alaranjada. Fruto tipo sâmara.

Distribuição geográfica: ocorre na Mata Atlântica, do sul da Bahia ao norte do Rio de Janeiro.

Usos: a madeira é empregada na construção civil, na confecção de móveis, tornearia e para uso externo em postes e estacas. Pode ser usada como árvore ornamental devido à beleza de sua casca e ao formato do tronco. É recomendada também para enriquecimento em restaurações florestais.

Informações ecológicas: espécie encontrada na floresta ombrófila primária e em matas ciliares, sendo frequente em áreas de cabruca. Devido à sua pequena área de distribuição e baixa densidade, está incluída na lista vermelha de espécies ameaçadas, de 2008, da IUCN, na categoria “vulnerável”.

Obtenção de sementes: os frutos (sâmaras) devem ser coletados de preferência diretamente da árvore no início da queda espontânea, pois assim que caem são dispersos pelo vento. Devido ao trabalho, é inviável a retirada da semente do fruto. Um quilo contém em média 4.400 sementes.

Produção de mudas: possui sementes com baixa taxa de germinação. Semear diretamente os frutos logo que coletados em canteiros pouco sombreados e irrigar uma vez ao dia. A emergência acontece entre quatro a sete semanas da semeadura.

Floração: de julho a setembro.

Frutos maduros: de novembro a maio.

ARAÇÁ-VERMELHO **(Família Myrtaceae)**

Características: são conhecidas por esse nome várias espécies da família Myrtaceae com alturas que podem variar de 10 a 30 m e casca lisa de cor vermelha ou

vermelho-alaranjada. Os frutos são carnosos, muitas vezes de cor amarela quando maduros.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica em geral. Várias espécies são endêmicas.

Usos: são árvores importantes na floresta por produzirem frutos que sustentam a fauna nativa. Podem ser usadas como árvores ornamentais devido à beleza de sua casca e ao formato do tronco. O fruto de algumas espécies é comestível pelo homem e pode ser aproveitado para produção de polpas e sucos. São recomendadas para plantio de enriquecimento em restaurações florestais.

Informações ecológicas: espécies em geral climáticas, encontradas na floresta ombrófila primária, ocorrendo raramente em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser coletados no chão logo após a queda espontânea. As sementes devem ser beneficiadas para retirada da polpa dos frutos.

Produção de mudas: em algumas espécies as sementes podem apresentar dormência e demorar de seis meses até um ano para geminar. Devem ser semeadas em canteiros com substrato organo-arenoso em local sombreado. As mudas apresentam crescimento lento e geralmente não suportam a iluminação solar direta.

Floração e frutos maduros: podem variar de acordo com a espécie.

Espécies afins: além dos arazás-vermelhos, ocorrem na Mata Atlântica do sul da Bahia outros tipos de arazás (arazá-cinza, arazá-branco etc.), sendo espécies da mesma família que também apresentam casca lisa, mas com outras cores de casca. Ocorrem ainda nessa região as “murtas”, nome popular dado às espécies

de Myrtaceae que apresentam casca rugosa. Tanto os araçás como as murtas são espécies importantes nas florestas maduras por produzirem frutos consumidos pela fauna, sendo indicadas para enriquecimento em áreas de restauração.

ARAPATI, QUIRI, FAVECA-VERMELHA
(*Arapatiella psilophylla* (Harms) R. S. Cowan -
Família Fabaceae, ex-Caesalpinniaceae)

Características: árvore com altura entre 10 e 25 m. Copa globosa e de tamanho reduzido. Casca rugosa e dura. Fruto tipo vagem.

Distribuição geográfica: espécie endêmica do sul da Bahia e norte do Espírito Santo.

Usos: a madeira é empregada em obras externas, principalmente na construção civil e em construções hidráulicas, além de usada nas fazendas como estacas, vigas e pontes. Pode ser usada como ornamental e também para enriquecimento em restaurações florestais.

Informações ecológicas: espécie encontrada na floresta ombrófila primária e em áreas de cabruca mais novas (menos de 40 anos). Típica climática, apresenta sementes grandes, é tolerante à sombra e forma banco de plântulas, ocorrendo principalmente nas áreas de solo de fertilidade média a baixa. Encontra-se na lista vermelha de espécies ameaçadas, de 2008, da IUCN, na categoria “vulnerável”.

Obtenção de sementes: podem ser coletadas no chão após a abertura das vagens ou diretamente na árvore. Um quilo contém em média 245 sementes.

Produção de mudas: possui sementes com taxa de germinação de moderada a alta e plântulas de desen-

volvimento médio. Semear diretamente em sacos individuais logo que as sementes forem coletadas e irrigar duas vezes ao dia. A emergência acontece com sete a 14 dias da semeadura.

Floração: nos meses de abril, maio e junho na região cacaueteira da Bahia, tendo sido observado também floração em setembro e outubro em localidades do extremo-sul do Estado.

Frutos maduros: de setembro a dezembro.

Espécies afins: ocorre na região outra espécie de arapate, *Arapatiella emarginata* R. S. Cowan, que se diferencia da anterior principalmente por apresentar folhas maiores e ser uma espécie mais rara.

AROEIRA, AROEIRA-VERMELHA, AROEIRA-DE-REMÉDIO **(*Schinus terebinthifolius* Raddi - Família Anacardiaceae)**

Características: árvore com altura entre 5 e 20 m, casca áspera que se destaca em pedaços variados e com sulcos na extensão do tronco. A casca interna possui cor avermelhada e exsudação. Folhas com presença de substância aromática. Flores diminutas de cor clara. Frutos maduros de cor vermelha e esféricos.

Distribuição geográfica: ocorre desde Pernambuco até o Rio Grande do Sul.

Usos: a madeira é empregada em obras externas como mourões e esteios, sendo também usada como lenha e carvão de excelente qualidade. Os frutos servem de alimento e a sua casca tem propriedades medicinais. É indicada para plantio em áreas de restauração por ser

atrativa para a fauna nativa. Suas flores são melíferas, podendo ser plantada em sistemas agroflorestais para a produção de mel.

Informações ecológicas: espécie heliófita, encontrada na floresta ombrófila em formações secundárias, matas ciliares, restingas e áreas de cabruca, geralmente em solos arenosos. Bastante apreciada por aves que realizam sua ampla disseminação.

Obtenção de sementes: coletar o fruto direto da árvore quando amadurecido (vermelho). Um quilo contém em média 50.000 sementes.

Produção de mudas: semear os frutos em canteiros em pleno sol e irrigar uma vez por dia. Possui alta taxa de germinação (80%) e crescimento rápido. A emergência ocorre entre 10 e 70 dias depois da sementeira.

Floração: entre março e julho.

Frutos maduros: entre abril e outubro.

BACUMUXÁ, BACUMIXÁ, PAU-DE-REMO, GRUMIXÁ

(*Micropholis crassipedicellata* (Mart.& Eichler) Pierre – Família Sapotaceae)

Características: árvore com altura entre 35 e 45 m, casca rugosa clara, látex branco e fruto amarelos, quando maduros.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica do sul da Bahia até o Estado de São Paulo.

Usos: a madeira é muito resistente, usada para obras externas, esteios, estacas marítimas e remos. Indicada para enriquecimento em áreas de restauração florestal como atrativa dos animais dispersores.

Informações ecológicas: espécie climática de grande porte que ocorre em floresta ombrófila e semi-decídua, primária e secundária, e em áreas de cabruca. Produz frutos carnosos consumidos pela fauna nativa.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser colhidos no chão após a queda espontânea ou diretamente na árvore. Devem ser abertos para a retirada das sementes.

Produção de mudas: semear logo após a colheita em canteiros sombreados. O desenvolvimento das mudas é de lento a moderado.

Floração: dezembro.

Frutos maduros: de março a julho.

BACUPARI

(*Rheedia macrophylla* (Mart.) Planch. & Triana - Família Clusiaceae

Características: árvore com altura entre 5 e 20 m, látex amarelo. Fruto imaturo, verde, e maduro, amarelo.

Distribuição geográfica: espécie de ampla distribuição, ocorrendo da Amazônia à Mata Atlântica.

Usos: a madeira é usada na construção civil, marcenaria e carpintaria. A casca serve para curtume e tem propriedades medicinais. Os frutos são comestíveis, utilizados para alimentação humana, sendo importantes também para alimentação dos animais. Indicada para enriquecimento e como atrativa da fauna em plantios de restauração florestal.

Informações ecológicas: ocorre em floresta ombrófila, primária e secundária, e em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser colhidos no chão após a queda espontânea ou diretamente

na árvore. Deve ser feito o beneficiamento para a retirada da polpa.

Floração: de setembro a novembro.

Frutos maduros: em janeiro.

BICUIBA-BRANCA

(*Virola officinalis* (Mart.) Warb. - Família Myristicaceae)

Características: árvore com altura de 20 a 25 m, com casca espessa e fibrosa, de cor interna vermelha e externa pardo-cinza. Folhas simples e coriáceas. Fruto tipo cápsula globosa de textura lisa com uma única semente oleosa recoberta com arilo vermelho. Látex avermelhado.

Distribuição geográfica: entre o sul da Bahia, onde é comum, até Minas Gerais.

Usos: madeira utilizada em obras internas e externas, como telhado e piso, para canoa, além de ser amplamente usada nas fazendas em geral. A casca e o látex da árvore são utilizados na medicina caseira. As sementes possuem um arilo vermelho que atrai a fauna nativa, sendo por essa razão indicada para plantio em áreas de restauração de floresta.

Informações ecológicas: ocorre em floresta ombrófila primária e secundária, em restinga arbórea e em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: colher as sementes diretamente na árvore assim que iniciar a abertura dos frutos ou coletar no chão próximo à matriz.

Produção de mudas: fazer a semeadura diretamente nos recipientes logo após a colheita.

Floração: de setembro a outubro.

Frutos maduros: de janeiro a março.

BICUIBA-VERMELHA, URUCUBA (*Virola gardneri* (A. DC.) Warb. - Família **Myristicaceae**)

Características: árvore com altura entre 25 e 35 m, casca espessa com fissuras verticais e de cor externa pardo-vermelha e interna vermelha. Folhas simples e semicoriáceas. Fruto tipo cápsula globosa com uma única semente oleosa recoberta com arilo vermelho. O tronco, quando furado, exsuda látex abundante de cor vermelha.

Distribuição geográfica: de Pernambuco ao Rio de Janeiro e até Minas Gerais.

Usos: madeira de lei procurada por serrarias e empregada em obras internas e externas, própria para vigas, marcenaria, mourões e ripas. O látex é utilizado na medicina caseira com poder cicatrizante e anti-hemorrágico. As sementes são utilizadas para tratar asma. O arilo vermelho das sementes atrai os animais dispersores, sendo por isso indicada para uso em restauração florestal.

Informações ecológicas: ocorre em floresta ombrófila primária e em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: colher as sementes diretamente da árvore quando iniciar a abertura dos frutos ou coletar no chão próximo à matriz.

Produção de mudas: semear logo após a colheita diretamente nos recipientes individuais. A emergência acontece com cerca de 30 dias.

Floração: de setembro a novembro.

Frutos maduros: de março a setembro.

BIRIBA

**(*Eschweilera ovata* (Cambess.) Miers -
Família Lecythidaceae)**

Características: árvore com altura entre 4 e 20 m, apresentando casca espessa com fendas rasas verticais. Flores brancas e amarelas aromatizadas. Frutos tipo pixídio com uma a quatro sementes.

Distribuição geográfica: encontrada desde Pernambuco até o Espírito Santo, na Mata Atlântica e na restinga, e também na Amazônia ocidental.

Usos: madeira empregada na confecção da haste do berimbau (instrumento musical da capoeira) e na construção civil e naval, pela resistência à umidade, além de ser usada nas fazendas para fazer mourão de ponte, estaca e curral. Planta ornamental que apresenta propriedades medicinais. Espécie importante em restaurações florestais.

Informações ecológicas: ocorre na floresta ombrófila primária e secundária, restinga arbórea e em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore no início da sua abertura, ou colher as sementes no chão próximo à matriz. Secar os frutos até abrir e desprender as sementes na sombra. Um quilo contém, em média, 550 sementes.

Produção de mudas: semear logo após a colheita em saco individual com solo preferencialmente organo-arenoso, deixar em local com sombra média e irrigar duas vezes no dia. A emergência ocorre com 28 a 35 dias, mas o índice de germinação é baixo. O desenvolvimento em campo é médio.

Floração: de janeiro a maio e de setembro a dezembro.

Frutos maduros: de janeiro a junho.

**BRAÚNA, BARAÚNA, BRAÚNA-
VERDADEIRA, BRAÚNA-PRETA**
(*Melanoxylon brauna* Schott – Família
Fabaceae, ex-Caesalpinaceae)

Características: árvore com altura de 20 a 25 m, casca cinza-escura ou parda apresentando fragmentos longos em relevo. Flores de cor amarelo-ouro. Fruto tipo vagem com sementes cobertas por membrana.

Distribuição geográfica: ocorre na Mata Atlântica, do sul da Bahia a São Paulo, e em Minas Gerais.

Usos: madeira de lei empregada em obras externas e hidráulicas, e para fabricação de tacos, instrumentos musicais e pisos. É também usada nas fazendas como mourão, estaca para cerca, viga, poste, ponte e cubos de rodas. É indicada para plantio de enriquecimento em restaurações florestais.

Informações ecológicas: encontrada em floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, comum em áreas íngremes e ápices de morro, ocorrendo também em cabruças. A braúna merece uma atenção especial por ser uma espécie já incluída na lista oficial das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção, de acordo com a Instrução Normativa do Ministério do Meio Ambiente (MMA) publicada em 2008. Outrora frequente na região, é atualmente rara devido à intensa pressão de corte seletivo.

Obtenção de sementes: coletar o fruto na árvore ou no chão quando iniciar a ruptura e secar até desprender as sementes. Um quilo contém, em média, 30.000 sementes.

Produção de mudas: semear diretamente logo após a colheita, em canteiro com pouca sombra ou direto em recipiente individual, e irrigar duas vezes ao dia. A emergência ocorre após 15 a 25 dias, e o transplante deve

ser feito quando a plântula estiver com 5,0 a 6,0 cm. O desenvolvimento em campo é lento.

Floração: de fevereiro a maio.

Frutos maduros: de junho a setembro.

CAJUEIRO-BRAVO

(Hyeronima alchorneoides **Allemao -**

Família Euphorbiaceae)

Características: árvore com altura entre 20 e 30 m, casca rugosa e folhas simples grandes (9 a 20 cm de comprimento).

Distribuição geográfica: espécie de ampla distribuição geográfica, ocorrendo desde a Amazônia até o Rio Grande do Sul, sendo frequente na Mata Atlântica.

Usos: a madeira é utilizada na construção civil e carpintaria. A árvore pode ser usada na arborização urbana e em restauração florestal.

Informações ecológicas: ocorre na floresta ombrófila primária e secundária, sendo frequente em matas ciliares e em áreas de cabruca. É uma espécie secundária tardia que produz frutos atrativos para a fauna.

Obtenção de sementes: colher os frutos diretamente da árvore, deixando-os um pouco ao sol para secar a polpa. Um quilo contém aproximadamente 70.000 sementes em frutos secos.

Produção de mudas: os frutos secos podem ser semeados diretamente em canteiros sombreados, eclodindo após 20 a 30 dias. A taxa de germinação é elevada. Em campo, o desenvolvimento das plantas é moderado.

Floração: de outubro a novembro.

Frutos maduros: em janeiro e fevereiro.

CEDRO-ROSA

(*Cedrela odorata* L. - Família Meliaceae)

Características: árvore com altura de 25 a 35 m; casca rugosa profundamente sulcada; frutos cápsulas deiscentes com 2,0 a 3,5 cm de comprimento.

Distribuição geográfica: espécie de ampla distribuição. No Brasil, ocorre na Amazônia e na Mata Atlântica, principalmente no sul da Bahia e norte do Espírito Santo.

Usos: madeira de lei para uso geral, ótima para carpintaria e marcenaria, usada também para construção naval e aeronáutica, por ser relativamente leve. Espécie importante para plantio de enriquecimento em áreas de restauração de floresta.

Informações ecológicas: árvore secundária tardia que prefere ambiente aberto a semissombreado, solo úmido, ocorrendo na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, matas ciliares, sendo muito frequente em cabruças. Observam-se também árvores isoladas em pastagens. Ocorre preferencialmente em solos de fertilidade média a alta.

Obtenção de sementes: os frutos devem ser colhidos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura, pois, depois de abertos, as sementes aladas se dispersam com facilidade. Os frutos podem ser deixados ao sol para abertura e liberação das sementes. Um quilo contém cerca de 33.000 sementes.

Produção de mudas: semear em canteiros a pleno sol, cobrindo as sementes com uma fina camada de substrato. A emergência é rápida e a taxa de germinação elevada. Esta espécie produz muitas plântulas no interior das cabruças que podem ser transplantadas diretamente para os saquinhos ou tubetes para a produção de mudas.

O crescimento das plantas em campo é médio a rápido.

Floração: de janeiro a maio.

Frutos maduros de março a setembro.

CLARAÍBA-PARDA, LAUREL

(*Cordia trichotoma* (Vell.) Arráb. ex Steud.

- Família Boraginaceae)

Características: árvore com altura entre 20 e 30 m, casca lisa cinzenta e flores alvas e perfumadas.

Distribuição geográfica: ocorre na Mata Atlântica, do Ceará ao Rio Grande do Sul.

Usos: a madeira é utilizada na marcenaria para a confecção de móveis de luxo, embarcações leves, tabuados, tonéis e caixilhos. Árvore ornamental que pode ser utilizada para paisagismo e também em restauração de floresta e sistemas agroflorestais.

Informações ecológicas: espécie secundária de crescimento rápido que ocorre na floresta ombrófila e semidecídua, em capoeiras e em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: as inflorescências secas, onde ficam os frutos, devem ser colhidas diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea. As pétalas e pedúnculos podem ser removidos através de maceração. As sementes secas podem ser armazenadas à temperatura ambiente por 60 dias e em câmara fria e seca por até três anos. Um quilo contém cerca de 35.200 sementes.

Produção de mudas: semear em canteiros semissombreados. A emergência ocorre entre 20 e 90 dias. O desenvolvimento das mudas é rápido.

Floração: de março a agosto.

Frutos maduros: de maio a setembro.

COBI, COBI-AMARELO

**(*Senna multijuga* (L. C. Rich.) H. S. Irwin
& Barneby - Família Fabaceae, ex-
Caesalpinaceae)**

Características: árvore com 3 a 15 m de altura, casca lisa e flores amarelas. No sul da Bahia ocorrem duas subespécies conhecidas como cobi-branco e cobi-preto.

Distribuição geográfica: espécie de ampla distribuição. No Brasil ocorre mais frequentemente na Mata Atlântica.

Usos: madeira utilizada para caixotaria, lenha e carvão. Planta ornamental, podendo ser usada em paisagismo. Da casca se extrai um tanino para tingimento de couro e rede de pesca. É indicada para preenchimento em plantios de restauração florestal. É uma leguminosa que apresenta simbiose com bactérias fixadoras de nitrogênio, sendo indicada para a recuperação de solos degradados.

Informações ecológicas: espécie secundária inicial, heliófita, de crescimento rápido. Ocorre em florestas secundárias, matas perturbadas e capoeiras, sendo muito frequente em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: os frutos devem ser colhidos diretamente na árvore quando iniciarem a abertura e postos a secar para a retirada das sementes. As sementes podem ser armazenadas por mais de seis meses sem perder a viabilidade. Um quilo contém cerca de 89.000 sementes.

Produção de mudas: as sementes apresentam dormência tegumentar que pode ser quebrada através de imersão em água por 12 horas, possibilitando assim uma germinação mais rápida. Devem ser semeadas em canteiros semisombreados e cobertas com uma fina camada de substrato.

Floração: de março a junho.

Frutos maduros: de abril a setembro.

CONDURU, CONDURU-VERMELHO (*Brosimum rubescens* Taub. - Família Moraceae)

Características: árvore de 20 a 30m de altura, casca escura, madeira avermelhada e látex branco abundante.

Distribuição geográfica: ocorre na Amazônia e na Mata Atlântica, do nordeste ao Rio de Janeiro.

Usos: madeira utilizada para marcenaria fina e construção civil e naval. Apresenta frutos carnosos que sustentam a fauna nativa, sendo indicada para plantio em áreas de restauração florestal.

Informações ecológicas: encontrada em floresta ombrófila primária, principalmente em áreas de solo bem drenado e de baixa fertilidade natural.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser colhidos no chão ou diretamente na árvore e devem ser beneficiados para retirada da polpa.

Floração: de janeiro a abril.

Frutos maduros: de novembro a maio.

DANDÁ, BOLEIRA, ANDÁ-AÇU (*Joannesia princeps* Vell. - Família Euphorbiaceae)

Características: altura de 10 a 20 m; folhas compostas digitadas; fruto globoso.

Distribuição geográfica: na floresta litorânea desde o Pará até São Paulo e em Minas Gerais.

Usos: madeira macia utilizada para celulose, palitos de fósforos, canoas, jangadas, forros e caixotaria. As sementes produzem óleo utilizado na medicina popular

como purgativo e também na fabricação de sabão. Indicada para preenchimento e como atrativa da fauna em plantios de restauração florestal.

Informações ecológicas: espécie heliófita de crescimento rápido, encontrada em floresta ombrófila e semi-decídua, em formações secundárias, capoeiras e áreas de cabruca. Os frutos são consumidos por animais roedores.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser colhidos no chão após a queda. São duros e devem ser quebrados com martelo para liberar as sementes. Um quilo contém cerca de 160 sementes.

Produção de mudas: as sementes devem ser plantadas logo após a colheita diretamente nos recipientes individuais. A taxa de germinação é alta e a emergência ocorre entre 14 e 68 dias. O desenvolvimento das mudas é rápido.

Floração: de julho a outubro.

Frutos maduros: de março a abril.

FAVECA

(*Moldenhawera floribunda* Schrad. -

Família Fabaceae, ex-Caesalpinaceae)

Características: altura entre 15 e 20 m, casca lisa, folhas compostas e flores amarelas.

Distribuição geográfica: ocorre na Mata Atlântica do sul da Bahia até São Paulo.

Usos: madeira usada na construção civil e naval para obras internas, marcenaria e carpintaria. Pode ser utilizada como ornamental, devido às flores amarelas, e em arborização urbana. Apresenta simbiose com bactérias fixadoras de nitrogênio, sendo indicada para melhoramento de solos.

Informações ecológicas: encontrada em florestas ombrófilas primárias e secundárias, sendo frequente em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: os frutos devem ser colhidos diretamente na árvore quando iniciarem a abertura e em seguida postos a secar para liberar as sementes. As sementes podem ser armazenadas por mais de seis meses. Um quilo contém cerca de 1.600 sementes.

Produção de mudas: semear em canteiros, cobrindo as sementes com uma fina camada de substrato. A germinação ocorre após 10 a 20 dias. O desenvolvimento das mudas é rápido, mas a velocidade de crescimento das plantas em campo é mediana.

Floração: de novembro a março.

Frutos maduros: de março a julho.

Espécies afins: ocorrem na região outras espécies de faveca, como *Moldenhawera blanchetiana* Tul. (faveca-branca) e *Chamaecrista duartei* (H. S. Irwin) H. S. Irwin & Barneby (faveca-preta), apresentando características semelhantes à da espécie anterior.

FRUTO-DE-PACA, FRUTO-DE-COTIA **(*Carpotroche brasiliensis* (Raddi) Endl. -** **Família Achariaceae, ex-Flacourtiaceae)**

Características: árvore com 5 a 20 m de altura, casca rugosa e frutos grandes. Apresenta indivíduos masculinos, femininos e hermafroditas.

Distribuição geográfica: ocorre na Mata Atlântica do sul da Bahia até São Paulo.

Usos: a madeira é utilizada para carpintaria, marcenaria, obras internas, lenha e carvão. Pode ser utilizada

em arborização urbana e como ornamental, em paisagismo, devido à beleza das flores. As sementes são utilizadas na indústria de cosméticos e contém um óleo parasiticida usado na medicina popular para diversos fins, inclusive como antiinflamatório e para a eliminação de piolhos e cura da lepra. Os frutos são comestíveis, sendo muito consumidos pelos animais silvestres, principalmente roedores, daí o nome popular. É indicada para plantio em áreas de restauração como atrativa da fauna.

Informações ecológicas: ocorre na floresta ombrófila e semidecídua, em matas primárias e secundárias, capoeiras e áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser colhidos no chão logo após a queda espontânea. Devem ser quebrados para abrir, sendo em seguida separada a polpa da semente. O número de sementes por fruto varia de 80 a 120. Um quilo contém cerca de 1.520 sementes.

Produção de mudas: as sementes devem ser postas logo a germinar, pois perdem a viabilidade rapidamente. Podem ser semeadas diretamente nos recipientes, saquinhos ou tubetes. A taxa de germinação é boa e a emergência ocorre após 15 a 30 dias

Floração: ocorre quase ao longo de todo o ano.

Frutos maduros: observados em março e de agosto a novembro.

GINDIBA

**(*Sloanea obtusifolia* (Moric.) K. Schum. -
Família Elaeocarpaceae)**

Características: árvore com altura de 30 a 50 m, apresentando casca lisa, tronco retilíneo, copa alta e

grandes raízes tabulares (sapopemas). Frutos tipo cápsula espinhosa com uma semente envolta em arilo laranja-avermelhado.

Distribuição geográfica: ocorre na Amazônia e na Mata Atlântica do sul da Bahia a São Paulo.

Usos: a madeira é utilizada para taboados e na construção civil para caibros, vigas e ripas. As sementes apresentam arilo muito apreciado pelos animais, sendo indicada para plantio em áreas de restauração como atrativa da fauna.

Informações ecológicas: espécie típica climácica, é tolerante à sombra quando jovem, forma banco de plântulas e apresenta crescimento lento. Encontrada na floresta ombrófila primária e em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: as sementes podem ser colhidas no chão logo após a queda natural. A espécie produz anualmente uma grande quantidade de sementes.

Produção de mudas: as sementes podem ser plantadas diretamente nos recipientes, saquinhos ou tubetes, em ambiente sombreado. A eclosão é rápida e a taxa de germinação elevada. O desenvolvimento das mudas é lento.

Floração: em janeiro.

Frutos maduros: de março a maio.

Espécies afins: existem outras espécies do mesmo gênero que ocorrem no sul da Bahia e são também conhecidas por “gindiba”, como *Sloanea guianensis* (Aubl.) Benth e *Sloanea monosperma* Vell. Elas apresentam as mesmas características gerais da espécie anterior, mas se diferenciam principalmente no tamanho e forma da árvore, coloração da casca e tamanho das folhas e frutos.

GUAPURUVU, FICHEIRA, PINHO-BRANCO

**(*Schizolobium parahyba* (Vell.) S.F. Blake -
Família Fabaceae, ex-Caesalpinaceae)**

Características: árvore com 20 a 30 m de altura, folhas compostas, casca lisa e flores amarelas.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica da Bahia até Santa Catarina.

Usos: madeira leve usada para canoas, caixotaria, taboado de forro, calçados, palitos de fósforos e compensados. Árvore ornamental devido à beleza da copa e das flores. É utilizada para plantio de adensamento em áreas de restauração florestal.

Informações ecológicas: árvore secundária inicial, heliófita, de crescimento rápido, encontrada na floresta ombrófila secundária, capoeiras e áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: a colheita pode ser feita no chão após a queda dos frutos que devem ser abertos manualmente para a retirada da semente. As sementes secas podem ser armazenadas por longo tempo. Um quilo contém cerca de 500 sementes.

Produção de mudas: as sementes apresentam dormência e devem ser escarificadas mecanicamente ou mergulhadas em água fervente. Podem ser semeadas diretamente nos recipientes individuais. A taxa de germinação é alta e a emergência, após a quebra da dormência, ocorre entre cinco e 15 dias. O desenvolvimento das mudas no viveiro e em campo é rápido.

Floração: de agosto a novembro.

Frutos maduros: de abril a junho.

INGÁ, INGAZEIRA

(*Inga affinis* DC., *Inga edulis* Mart.,
Inga nuda Salzm. ex Benth., *Inga*
marginata Willd. - Família Fabaceae, ex-
Mimosaceae)

Características: são árvores com 10 a 20 m de altura em geral, casca lisa e fruto tipo vagem cilíndrica ou achatada. De acordo com a espécie, podem receber diferentes denominações: ingá-cipó, ingá-de-metro, ingá-sabão, ingá-mirim.

Distribuição geográfica: espécies de ampla distribuição, ocorrendo em todo o Brasil em áreas de florestas perturbadas ou secundárias em geral.

Usos: a madeira é usada para caixotaria, lenha e carvão. São espécies muito indicadas para plantio em áreas de restauração florestal, tanto para preenchimento e cobertura rápida do solo, como para atração da fauna de dispersores de sementes e polinizadores, servindo ainda para melhoramento do solo por apresentar simbiose com bactérias fixadoras de nitrogênio. Algumas espécies apresentam fruto comestível pelo homem. As flores são melíferas.

Informações ecológicas: são espécies secundárias iniciais características de florestas secundárias em geral, matas perturbadas e capoeiras. Ocorrem também em matas ciliares, sendo frequentes em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser colhidos diretamente na árvore ou no chão após a queda. Devem ser abertos para retirada das sementes. As sementes geralmente são recalcitrantes.

Produção de mudas: as sementes devem ser postas a germinar logo após serem colhidas, em canteiros semissombreados ou diretamente nos recipientes individuais, cobertas por uma fina camada de substrato. A taxa de germinação em geral é alta e a emergência das plântulas é rápida. O desenvolvimento das mudas em viveiro e em campo é rápido.

Floração e frutos maduros: pode variar de acordo com a espécie.

INGAUÇU-GIGANTE

(*Tachigali multijuga* Benth. - Família Fabaceae, ex-Caesalpinaceae)

Características: árvore com 20 a 25 metros de altura, copa circular, casca rugosa, folhas compostas. Fruto tipo vagem, lenhoso e achatado, contendo uma semente com a mesma forma.

Distribuição geográfica: da Mata Atlântica do sul da Bahia a São Paulo.

Usos: madeira usada para obras externas na forma bruta, sendo resistente e altamente durável. Árvore ornamental devido à beleza da copa e das folhas brilhantes.

Informações ecológicas: ocorre na floresta ombrófila, primária e secundária, e em áreas de cabruca. Espécie heliófita, possui dispersão de sementes pelo vento. Prefere solos profundos e férteis, principalmente encostas e várzea.

Obtenção de sementes: a colheita pode ser feita no chão ou na árvore após a queda dos frutos com cor de palha. Esses podem ser semeados direto ou abertos manualmente para a retirada da semente, aumentando

a taxa de germinação. Um quilo contém cerca de 2.000 sementes.

Produção de mudas: semear em canteiros com pouca sombra e com solo arenoso, cobrindo as sementes um uma fina camada de substrato. Irrigar duas vezes ao dia. A germinação ocorre após 35 a 45 dias. O crescimento das plantas em campo é mediano.

Floração: de janeiro a abril.

Frutos maduros: de junho a agosto.

INHAÍBA, INHAÍBA-GIGANTE *(Lecythis lurida (Miers) S.A. Mori - Família Lecythidaceae)*

Características: árvore com 15 a 35 m de altura. Folhas simples e lisas. Frutos indeiscentes.

Distribuição geográfica: ocorre no sul da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e região Amazônica.

Usos: madeira de lei utilizada para obras externas e internas, sendo de grande durabilidade. Espécie ornamental, pode ser usada em paisagismo. Importante para uso nas restaurações florestais como atrativa da fauna.

Informações ecológicas: planta heliófita, secundária tardia, ocorre em floresta ombrófila primária e secundária, capoeiras, restinga arbórea e áreas de cabruca, sendo encontrada também em pastagens. Suas sementes castanhas chegam a germinar dentro do fruto, sendo apreciadas por roedores.

Obtenção de semente: coletar os frutos diretamente da árvore ou no chão quando iniciarem a queda espontânea. Expor os frutos ao sol para secagem, facilitando retirada das sementes. Um quilo contém cerca de 20 sementes.

Produção de mudas: semear em sacos individuais, contendo substrato organo-arenoso, colocando em ambiente sombreado. Irrigar duas vezes ao dia. A emergência das plântulas ocorre entre 20 e 40 dias e a taxa de germinação é maior que 50%.

Floração: de outubro a fevereiro.

Frutos maduros: de janeiro a maio.

Espécies afins: outras espécies da mesma família são chamadas também de “inhaíba” na região, como *Eschweilera mattsos-silvae* S. A. Mori (inhaíba-jacaré), que é uma espécie endêmica.

IPÊ-AMARELO, PAU-D'ARCO-AMARELO, IPÊ-AMARELO-FLORES-DE-ALGODÃO

(*Tabebuia serratifolia* (Vahl) G. Nicholson - Família Bignoniaceae)

Características: árvore com 15 a 30 m de altura, casca fissurada formando finas placas que se desprendem aos poucos. Flores de cor amarelo-dourada. Folhas compostas com cinco a quatro folíolos. Sementes retangulares aladas.

Distribuição geográfica: encontrada na Mata Atlântica do Ceará até São Paulo e também na floresta Amazônica e no Brasil Central.

Usos: a madeira é usada para obras externas civis e navais, além de pontes, postes, tábuas de assoalho, tacos de bilhar e bengalas, possuindo longa durabilidade. Árvore ornamental, extremamente bela quando em flor, é excelente para o paisagismo. É utilizada também em restaurações florestais. A entrecasca é utilizada na medicina caseira, embora seja menos procurada que a do ipê-roxo.

Informações ecológicas: planta secundária tardia, heliofita, encontrada na floresta ombrófila, semidecídua e mata de cipó, em formações primárias e secundárias, capoeiras e áreas de cabruca. Prefere solos bem drenados situados em encosta.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando iniciar a abertura espontânea, e deixar secar para abertura e liberação das sementes. Um quilo contém cerca de 25.000 sementes.

Produção de mudas: colocar as sementes para germinar assim que coletadas, pois seu poder germinativo decai rapidamente. Semear em canteiros ou sacos individuais contendo solo organo-argiloso. A emergência ocorre depois de 8 a 12 dias e a taxa de germinação geralmente é alta. O desenvolvimento das plantas é moderado.

Floração: ocorre após a queda das folhas, o que acontece no período mais seco, geralmente de junho a agosto no interior, podendo variar nas zonas mais próximas ao litoral.

Frutos maduros: cerca de três a quatro meses após a floração.

Espécies afins: outras espécies de ipê-amarelo ocorrem também na região, como *Tabebuia chrysotricha* (Mart. ex DC.) Standl. (ipê-amarelo-piloso) e *Tabebuia umbellata* (Sond.) Sandwith (ipê-amarelo-verdadeiro).

IPÊ-PRETO, PAU-D'ARCO-PRETO, IPÊ-ROXO, PAU-D'ARCO-ROXO, IPÊ-UNA
(*Tabebuia impetiginosa* (Mart. ex DC.)
Standl. - Família Bignoniaceae)

Características: árvore com 15 a 35 m de altura, casca rígida de cor pardo-escura com presença de fendas

longitudinais e fissuras transversais. Folhas compostas, com cinco folíolos desiguais e coriáceos. Flores de rosadas a lilás. Sementes aladas, retangulares, ortodoxas e de cor marrom clara.

Distribuição geográfica: desde o Ceará até Minas Gerais, Goiás e São Paulo. Ocasionalmente, no cerrado.

Usos: madeira usada para obras externas civis e navais, além de pontes, postes, tábua de assoalho, tacos de bilhar e bengalas, possuindo longa durabilidade. Utilizada como ornamental devido a sua beleza quando em flor e também em restaurações florestais. A entrecasca é utilizada na medicina caseira.

Informações ecológicas: espécie secundária tardia, heliófita, encontrada na floresta ombrófila, semi-decídua, restinga arbórea e caatinga. Ocorre nas formações primárias e secundárias e em cabrucas de cacau.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea, e deixar secar para completar a abertura e liberação das sementes. Um quilo contém cerca de 9.000 sementes. Sua viabilidade dura três meses quando armazenadas em temperatura normal com 10% de umidade. Quando armazenadas em câmara seca ou fria podem manter sua taxa integral de germinação por 270 dias.

Produção de mudas: semear em canteiros ou diretamente nos recipientes individuais, sacos ou tubetes. A emergência ocorre após 10 a 15 dias da semeadura e a taxa de germinação é alta. O desenvolvimento da muda é rápido e o da planta moderado.

Floração: ocorre após a queda das folhas, o que acontece no período mais seco, geralmente de junho a

agosto no interior, podendo variar nas zonas mais próximas ao litoral.

Frutos maduros: cerca de três a quatro meses após a floração.

IPÊ-ROXO, PAU-D'ARCO-ROXO *(Tabebuia heptaphylla (Vell.) Toledo -* **Família Bignoniaceae)**

Características: árvore com 15 a 30 m de altura, casca rugosa de cor pardo-acinzentada com fendas verticais e transversais, gerando placas persistentes. Folhas compostas com sete folíolos. Flores variando de roxo a rosa. Fruto linear, sinuoso e estriado, contendo várias sementes. Semente alada de corpo castanho.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica do sul da Bahia até Santa Catarina.

Usos: madeira usada para obras externas civis e navais, além de pontes, postes, tábua de assoalho, tacos de bilhar e bengalas, possuindo longa durabilidade. Árvore ornamental devido à beleza de suas flores, sendo apropriada para uso em paisagismo. O ipê-roxo é muito usado em medicina popular. O chá da entrecasca é usado no tratamento de gripes, tosses, pneumonia e como depurativo do sangue. As folhas são utilizadas contra úlceras sifilíticas e blenorrágicas. A espécie tem propriedades anticancerígenas, antirreumáticas e antianêmicas. A planta é utilizada pela indústria para a produção de remédios fitoterápicos. Da casca é extraído também um corante que serve para tingir algodão e seda.

Informações ecológicas: árvore secundária tardia, heliófita, encontrada na floresta ombrófila e semide-

cídua. Ocorre nas formações primárias e secundárias e em cabruças de cacau.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea, pondo a secar para completarem a abertura e liberação das sementes. Um quilo contém cerca de 25.000 sementes e sua viabilidade armazenada dura dois meses em temperatura normal com 10% de umidade. Quando armazenadas em câmara seca ou fria, podem manter sua taxa integral de germinação por até sete meses.

Produção de mudas: semear em canteiros ou diretamente nos recipientes individuais, sacos ou tubetes, contendo solo organo-argiloso. A emergência ocorre entre 7 e 30 dias após a semeadura e a taxa de germinação é de 60% a 80%. O desenvolvimento da muda é rápido e o da planta moderado.

Floração: ocorre após a queda das folhas, o que acontece no período mais seco, geralmente de junho a agosto no interior, podendo variar nas zonas mais próximas ao litoral.

Frutos maduros: cerca de três a quatro meses após a floração.

JACARANDÁ-DA-BAHIA

**(*Dalbergia nigra* (Vell.) Allemão ex Benth.
- Família Fabaceae)**

Características: árvore com 10 a 35 m de altura, casca de cor pardo-acinzentada, áspera, com pequenas placas retangulares longitudinais, que descamam aos poucos. Folhas compostas com folíolos jovens pilosos e adultos lisos. Flores de cor amarela-

da a violeta. Sementes de cor castanha a preta, lisas, pequenas e achatadas.

Distribuição geográfica: encontrada na Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Usos: é considerada uma das mais valiosas madeiras nacionais, de grande resistência, usada em acabamentos internos, mobiliário de luxo e mundialmente conhecida na construção de pianos e instrumentos musicais. É também ornamental, principalmente pela folhagem delicada e forma aberta de sua copa. É indicada para plantio em sistemas agroflorestais e reflorestamentos mistos.

Informações ecológicas: planta secundária tardia, heliófita, que ocorre na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, principalmente em áreas íngremes. É encontrada também em cabruca e árvores isoladas em pastagens. O jacarandá-da-bahia é uma espécie incluída na lista oficial das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção de 2008 devido, principalmente, à intensa pressão de corte seletivo para obtenção de madeira que sofreu desde os tempos coloniais.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando iniciar a queda espontânea e abrir para a retirada da semente. Um quilo contém cerca de 10.000 sementes.

Produção de mudas: semear em canteiros ou em recipientes individuais com solo argiloso. A taxa de germinação é variável. A emergência ocorre entre 10 e 20 dias e seu crescimento inicial é de moderado a rápido.

Floração: de outubro a novembro.

Frutos maduros: de julho a setembro.

JACARANDÁ-BRANCO, GRÃO-DE-BURRO, GRÃO-DE-BODE
(*Swartzia macrostachya* Benth. - Família Fabaceae, ex-Caesalpinaceae)

Características: árvore com 10 a 25 m de altura, folhas compostas e folíolos lisos, fruto tipo legume drupáceo grande.

Distribuição geográfica: Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo e oeste do Mato Grosso.

Usos: madeira usada em obras internas na construção civil, de média durabilidade. É indicada para uso em restauração florestal por ser atrativa da fauna e para melhoramento do solo, pois apresenta simbiose com bactérias fixadoras de nitrogênio.

Informações ecológicas: planta ciófita a heliófita, ocorre na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, restinga arbórea, capoeiras e em áreas de cabruca. Sua semente é apreciada por animais silvestres devido ao arilo que envolve metade desta.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore ou no chão, assim que iniciar a queda espontânea e fazer a retirada das sementes. Um quilo contém cerca de 700 sementes.

Produção de mudas: semear diretamente em recipientes individuais e colocar em local pouco sombreado. Irrigar duas vezes ao dia. A emergência ocorre entre uma e duas semanas, e a taxa de germinação é maior que 50 %. O crescimento é moderado.

Floração: de janeiro a maio.

Frutos maduros: de agosto a dezembro.

JANGADA-BRANCA, PAU-DE-JANGADA **(*Apeiba albiflora* Ducke - Família** **Malvaceae, ex-Tiliaceae)**

Características: árvore com 15 a 30 m de altura, com folhas cartáceas, rugosas e pilosas, flores brancas, fruto tipo cápsula em forma de globo e coberta de espinhos flexíveis que lembram pelo de animal.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica de Alagoas ao sul da Bahia, no Maranhão e no Mato-Grosso.

Usos: madeira usada na confecção de jangadas, pois devido a sua baixa densidade favorece flutuar na água; também serve para pasta celulósica e no paisagismo. Espécie importante em restaurações florestais.

Informações ecológicas: espécie heliófita encontrada em floresta ombrófila primária e secundária, mata ciliar, capoeiras e plantações de cacau.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore ou no chão quando iniciar a queda espontânea. Após a abertura dos frutos, espalhar as sementes para a secagem. Um quilo contém cerca de 200.000 sementes.

Produção de mudas: por as sementes a germinar em canteiros, assim que coletadas, e irrigar duas vezes ao dia. O crescimento das mudas é rápido.

Floração: de janeiro a maio.

Frutos maduros: de maio a novembro.

JATOBÁ, JATOBÁ-BURUNDANGA (*Hymenaea oblongifolia* Huber var. *latifolia* Y. T. Lee & Langenh. - Família Fabaceae, ex-Caesalpinhiaceae)

Características: árvore que atinge até 40 m de altura. A casca é cinza-clara, contendo goma, praticamente lisa. O fruto contém endocarpo carnoso, farináceo, comestível, amarelo-claro e adocicado.

Distribuição geográfica: a espécie ocorre na Amazônia e na Mata Atlântica de Pernambuco ao sul da Bahia, sendo a variedade *latifolia* endêmica da Mata Atlântica.

Usos: a madeira serve para construções pesadas, obras hidráulicas, postes, esteios, vigas, carroçarias e carpintaria. A entrecasca e a seiva da planta são utilizadas na medicina popular para auxiliar na recuperação de doenças infecciosas e fortalecimento do organismo em geral. A resina que exsuda do tronco é usada para fazer incensos. A polpa farinácea que envolve a semente é utilizada na alimentação humana e indicada para a recuperação de crianças desnutridas. É plantada para enriquecimento em áreas de restauração florestal.

Informações ecológicas: ocorre na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, e em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser colhidos na árvore ou no chão, assim que iniciar a queda espontânea. A colheita deve ser imediata, pois logo que caem no chão os frutos são rapidamente atacados por insetos e as sementes perdem a viabilidade. Os frutos devem ser quebrados para a retirada da semente.

Produção de mudas: semear diretamente nos recipientes individuais, sacos ou tubetes. A emergência

é rápida, após cerca de uma a duas semanas, e a taxa de germinação elevada. O desenvolvimento inicial das mudas é rápido, mas em campo é lento a moderado.

Floração: em janeiro.

Frutos maduros: pode variar, tendo sido observado em agosto e em janeiro.

Espécies afins: ocorre também na região outra espécie de jatobá, *Hymenaea coubaril* L., encontrada na floresta semidecídua e mata-de-cipó, com características semelhantes, mas diferenciando-se do anterior principalmente pelo maior tamanho do fruto.

JEQUITIBÁ-CIPÓ, JEQUITIBÁ-BRANCO *(Cariniana estrellensis (Raddi) Kuntze -* **Família Lecythidaceae)**

Características: árvore com 35 a 50 m de altura, casca grossa, rugosa, com fendas profundas longitudinais e fissuras transversais, formando placas irregulares. Folhas simples. Flores pequenas de cor creme. Fruto tipo pixídio lenhoso, com abertura circular de bordo serrilhado. Sementes aladas de cor castanha.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul e também no Acre e Brasil Central.

Usos: madeira usada na construção civil, tabuados em geral, carpintaria, caixotaria, saltos de sapatos e em compensados. Possui qualidades ornamentais, sendo uma espécie importante em restaurações florestais por apresentar um bom crescimento e atrair a fauna nativa.

Informações ecológicas: espécie heliófita de grande porte, emergente, e de grande longevidade.

Encontrada na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, e em plantações de cacau. Ocorre na região sul da Bahia sobre os solos de maior fertilidade natural, principalmente onde existe maior disponibilidade de cálcio. Suas sementes são consumidas por macacos.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando iniciar a abertura espontânea, colocar no sol para abertura e liberação de sementes. Um quilo contém cerca de 12.000 sementes.

Produção de mudas: colocar as sementes para germinar sem as asas, assim que coletadas, em canteiros com pouca sombra ou diretamente nos recipientes individuais. Irrigar duas vezes ao dia. A emergência ocorre entre 12 e 25 dias, a taxa de germinação é de 95% e seu crescimento é variável (moderado a rápido).

Floração: de novembro a janeiro.

Frutos maduros: de julho a setembro.

Espécies afins: além de *Cariniana estrellensis*, ocorre também, na região, *Cariniana legalis* (jequitibá-rosa), descrita abaixo, e *Cariniana ianeirensis* R. Knuth, uma espécie rara de jequitibá que apresenta fruto de maior tamanho e se encontra na lista vermelha de espécies ameaçadas da IUCN, de 2008, na categoria “em perigo”.

JEQUITIBÁ-ROSA

(*Cariniana legalis* (Mart.) Kuntze - Família Lecythidaceae)

Características: árvore com 35 a 60 m de altura, casca grossa, rugosa, com fendas profundas longitudinais e fissuras transversais, formando placas irregula-

res. Folhas simples. Flores pequenas de cor creme. Fruto tipo pixídio lenhoso, com abertura circular de bordo liso, apresentando menor tamanho que o da espécie anterior. Sementes aladas de cor castanha.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica de Pernambuco até São Paulo e em matas de galeria no interior.

Usos: madeira usada na construção civil, taboados em geral, carpintaria, caixotaria, saltos de sapatos e em compensados. A árvore possui qualidades ornamentais devido à beleza da sua copa. É indicada para plantio em restaurações florestais por apresentar um bom crescimento e atrair a fauna nativa.

Informações ecológicas: espécie heliófita de grande porte, emergente, e de grande longevidade (até 700 anos). Encontrada na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, e em plantações de cacau. Ocorre na região sul da Bahia sobre os solos de maior fertilidade natural, principalmente onde existe maior disponibilidade de cálcio. É considerada uma espécie ameaçada devido à baixa densidade, fragmentação dos remanescentes florestais e corte seletivo, estando incluída na lista vermelha de espécies ameaçadas, de 2008, da IUCN, na categoria “vulnerável”. Suas sementes são consumidas por macacos.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando iniciar a abertura espontânea, colocar no sol para abertura e liberação de sementes. Um quilo contém cerca de 25.000 sementes.

Produção de mudas: colocar as sementes para germinar sem as asas, assim que coletadas, em canteiros com pouca sombra ou diretamente nos recipientes individuais. Irrigar duas vezes ao dia. A emergência ocorre

entre 12 e 20 dias, a taxa de germinação é alta e seu crescimento é variável (moderado a rápido).

Floração: de fevereiro a maio.

Frutos maduros: de junho a setembro.

JITAÍ-PRETO

**(*Dialium guianense* (Aubl.) Sandwith -
Família Fabaceae, ex-Caesalpinaceae)**

Características: árvore com 15 a 30 m de altura, casca fina e lisa, de cor castanho-acinzentada, e raízes tabulares (sapopemas). Folhas compostas. Flores pequenas de cor esverdeada ou branco-amarelada, de odor desagradável. Fruto pequeno com polpa farinácea comestível. Semente única, dura e lisa.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica, do sul da Bahia ao Espírito Santo, e na Floresta Amazônica, até o Maranhão.

Usos: a madeira é muito pesada, dura e resistente, difícil de ser serrada, sendo usada em construções pesadas e navais, vigas, dormentes, postes, estacas e obras externas e hidráulicas. Espécie de importância em restaurações florestais por ser atrativa da fauna. Os frutos são comestíveis, sendo comercializados em feiras.

Informações ecológicas: planta heliófita, ocorre na floresta ombrófila primária e secundária e em áreas de cabruca. As sementes são disseminadas por algumas aves.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando estiverem marrons, ou no chão quando iniciar a queda espontânea. Quebrar e amassar os frutos para a retirada da semente e separação da polpa. Um quilo contém cerca de 4.000 sementes.

Produção de mudas: colocar as sementes em canteiros com pouca sombra, cobertas com uma fina camada de substrato e irrigar duas vezes ao dia. Para melhorar a taxa e a velocidade de germinação, recomenda-se escarificar as sementes mecanicamente. O início da germinação da semente escarificada ocorre entre 15 e 20 dias.

Floração: de março a junho.

Frutos maduros: de abril até dezembro, permanecendo na árvore quase o ano inteiro.

JUÇARA, PALMITEIRO, PALMITO-DOCE **(*Euterpe edulis* Mart. - Família Arecaceae)**

Características: palmeira com 10 a 20 m de altura, estipe reta e cilíndrica, sem perfilhamento na base. Frutos pequenos, escuros e esféricos.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica, do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, e na mata ciliar, em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul.

Usos: madeira de baixa qualidade, sendo empregada localmente em construções rurais. O principal uso da espécie é para a obtenção do “palmito”, consumido localmente e utilizado na indústria de conserva para comercialização no Brasil e exterior. A planta é utilizada ainda como ornamental e os frutos podem servir também para preparar bebida semelhante ao açaí. As flores são melíferas.

Informações ecológicas: a espécie ocorre na floresta ombrófila primária e secundária, restinga arbórea e em matas ciliares. A juçara é uma espécie que foi incluída na lista oficial das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção, de 2008, devido à exploração predatória

que vem sofrendo para a retirada do palmito. Seus frutos são disseminados por pássaros e mamíferos.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore ou no chão quando iniciar a queda espontânea. A viabilidade das sementes em armazenamento é inferior a três meses. Um quilo contém cerca de 770 sementes.

Produção de mudas: as sementes devem ser estratificadas antes da sementeira, deixando-as imersas em água fria por cerca de 24 horas. Semear em canteiros sombreados. A emergência depois da estratificação demora de 30 a 70 dias. A taxa de germinação é elevada. O crescimento da planta é lento.

Floração: de setembro a dezembro.

Frutos maduros: pode variar muito de acordo com a região.

JUERANA-VERMELHA, JUERANA-PREGO, VISGUEIRO **(*Parkia pendula* (Willd.) Benth. - Família Fabaceae, ex-Mimosaceae)**

Características: árvore com 20 a 40 m de altura, tronco com sapopemas basais. Copa ampla e achatada. Inflorescências e frutos ficam pendurados por enormes pedúnculos. Fruto tipo legume lenhoso, achatado e deiscente.

Distribuição geográfica: na Floresta Amazônica e na Mata Atlântica do sul da Bahia e norte do Espírito Santo.

Usos: madeira usada em carpintaria, marcenaria e obras internas. Árvore ornamental devido ao aspecto

curioso de sua copa e inflorescências. Indicada para preenchimento em restaurações florestais devido ao crescimento rápido e copa ampla.

Informações ecológicas: espécie heliófita, encontrada na floresta ombrófila primária e secundária e em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore ou no chão, quando iniciarem a queda espontânea, colocar para secar e retirar manualmente as sementes. Estas podem ser armazenadas sem perder a viabilidade por mais de uma ano. Um quilo contém cerca de 8.800 sementes.

Produção de mudas: recomenda-se escarificar mecanicamente as sementes para melhorar a germinação. A semeadura pode ser feita em canteiros ou diretamente nos recipientes, sacos ou tubetes, e mantidas úmidas em local com pouca sombra. Após a escarificação, a emergência ocorre com 20 a 40 dias e a taxa de germinação é alta. As plantas se desenvolvem rapidamente no viveiro e em campo.

Floração: de junho a dezembro.

Frutos maduros: de dezembro a março, permanecendo pendurados na árvore por alguns meses.

LOURO

(*Nectandra* spp. e *Ocotea* spp. - Família Lauraceae)

Características: a denominação geral de “louro” é dada na região sul da Bahia para diversas espécies da família Lauraceae. São em geral árvores com altura entre 15 e 25 m e folhas simples, apresentando cheiro caracte-

rístico nas folhas, casca e madeira. Cada espécie é conhecida por um nome específico, a exemplo do louro-sabão, louro-prego, louro-graveto, louro-canela, louro-cravo, louro-pimenta, louro-bosta e outros.

Distribuição geográfica: varia de acordo com a espécie.

Usos: a madeira pode ser de maior ou menor durabilidade, empregada geralmente na construção civil, confecção de móveis, vigas de telhado e forro. Algumas apresentam odor desagradável, o que limita a sua utilização. São em geral espécies indicadas para restaurações florestais como atrativas da fauna.

Informações ecológicas: ocorrem na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, mata ciliar, restinga arbórea e em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: aguardar o início da queda espontânea dos frutos e coletá-los no chão ou direto da árvore. Secar os frutos e semear diretamente, ou colocá-los em recipiente para decomposição da polpa e posterior liberação das sementes caso se queira armazená-las.

Produção de mudas: semear em canteiros semissombreados e cobrir com fina camada de substrato. O crescimento das plantas varia a depender da espécie.

Floração e frutos maduros: pode variar, também, de acordo com a espécie.

MAÇARANDUBA

(*Manilkara multifida* T.D. Penn. e *Manilkara elata* (Allemão ex Miq.) Monach. - Família Sapotaceae)

Características: árvores com 20 a 35 m de altura,

casca rugosa, látex branco, folhas simples, flores alvas e frutos carnosos.

Distribuição geográfica: espécies endêmicas da Mata Atlântica do sul da Bahia e norte do Espírito Santo.

Usos: madeira de lei apropriada para usos externos devido à sua resistência e durabilidade, utilizada para estacas, vigas, mastros, pontes, embarcações; e também para usos internos, principalmente para telhados, devido à resistência ao cupim, assoalhos e instrumentos musicais. Os frutos são atrativos da fauna nativa, sendo indicada, a espécie, para enriquecimento em restaurações florestais.

Informações ecológicas: espécies típicas climáticas, tolerantes à sombra e de crescimento lento, encontradas na floresta ombrófila primária e em algumas áreas de cabruca mais novas. Encontram-se ameaçadas de extinção devido à intensa pressão de corte seletivo que sofreram para a retirada de madeira, estando incluídas na lista vermelha de espécies ameaçadas, de 2008, da IUCN, na categoria “em perigo”.

Obtenção de sementes: colher os frutos diretamente na árvore quando maduros ou coletá-los no chão logo após a queda espontânea. Deixá-los amontoados em saco plástico durante alguns dias para decomposição da polpa e retirada das sementes.

Produção de mudas: semear logo após a colheita em canteiros sombreados. A germinação é lenta e irregular e a taxa é baixa. O crescimento das mudas é vagaroso.

Floração: de outubro a novembro.

Frutos maduros: de janeiro a fevereiro.

**MAÇARANDUBA-MIRIM-DO-LITORAL,
MAÇARANDUBA-VERDADEIRA**
(*Manilkara salzmannii* (A. DC.) H.J. Lam -
Família Sapotaceae)

Características: árvore com 10 a 35 m de altura, casca grossa fendilhada verticalmente, látex branco e copa arredondada. Folhas simples e coriáceas. Flores brancas e perfumadas. Frutos carnosos pequenos e vermelhos, com uma a duas sementes brilhantes envolvidas em polpa adocicada comestível.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica, desde o Nordeste até o Rio de Janeiro.

Usos: madeira de lei muito resistente, usada em obras externas, estacas, vigas, mastros, construção civil e assoalhos. Os frutos e o látex da casca são comestíveis. Espécie ornamental, importante para enriquecimento em restaurações florestais como atrativa da fauna.

Informações ecológicas: ocorre nas formações litorâneas, desde a restinga até a floresta ombrófila primária e secundária, sendo encontrada também em áreas de cabruca. Suas sementes são disseminadas pelas aves e outros animais.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore ou no chão quando iniciarem a queda espontânea. Deixá-los amontoados em saco plástico durante alguns dias para decomposição da polpa e retirada das sementes. Um quilo contém cerca de 3.800 sementes.

Produção de mudas: semear logo após a colheita em canteiros semissombreados com solo arenoso. Irrigar duas vezes ao dia. A emergência ocorre com 40 a 60 dias e a taxa de germinação é baixa. O crescimento das plantas é lento.

Floração: de outubro a novembro.

Frutos maduros: de janeiro a fevereiro.

**MAÇARANDUBA-APRAIÚ, PARAJU,
MAÇARANDUBA-DO-BREJO**
(*Manilkara maxima* T.D. Penn. - Família
Sapotaceae)

Características: árvore com 20 a 35 m de altura. Folhas grandes de cor amarelo-dourada a laranja-avermelhada na face inferior. Flores alvas e frutos marrons quando maduros. Látex branco.

Distribuição geográfica: espécie endêmica do sul da Bahia.

Usos: madeira de lei de grande resistência, apropriada para usos externos e internos, principalmente nas construções de cercas e coberturas de casas, pela alta resistência aos cupins. Árvore ornamental, importante para enriquecimento em restaurações florestais por ser atrativa dos animais dispersores.

Informações ecológicas: espécie típica climática, tolerante à sombra e de crescimento lento, característica da floresta ombrófila primária litorânea e restinga arbórea, sendo encontrada, também, em algumas áreas novas de cabruca. Produz frutos que sustentam a fauna nativa, sendo consumidos inclusive por animais ameaçados, como o mico-leão-da-cara-dourada. Encontra-se ameaçada de extinção devido à pressão de corte seletivo que sofreu para uso da madeira, estando incluída na lista vermelha de espécies ameaçadas, de 2008, da IUCN, na categoria “vulnerável”.

Obtenção de sementes: colher os frutos direta-

mente na árvore, quando maduros, ou no chão logo após a queda. Retirar as sementes removendo a polpa dos frutos.

Produção de mudas: semear logo após a colheita em canteiros sombreados. A germinação é lenta e irregular e a taxa é baixa. O crescimento das mudas é vagaroso.

Floração: pode se estender ao longo do ano.

Frutos maduros: produz frutos ao longo do ano com baixa intensidade.

MAMÃO-DE-VEADO-BRANCO **(*Jacaratia spinosa* (Aubl.) A. DC. - Família** **Caricaceae)**

Características: árvore com 10 a 20 m de altura, com casca espinhosa (acúleos) e látex. Folhas compostas digitadas com 8 a 12 folíolos glabros.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica do sul da Bahia até o Rio Grande do Sul e no Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.

Usos: a madeira, muito macia e pouco resistente, não apresenta utilidades. Os frutos são comestíveis e podem ser utilizados para confecção de doces caseiros. A árvore pode ser utilizada como ornamental pela forma de seu tronco e ramos. O látex é usado na medicina caseira contra verminoses. É uma espécie importante para plantio em restaurações florestais devido ao crescimento rápido, sendo também atrativa dos animais dispersores.

Informações ecológicas: planta heliófita, pioneira a secundária inicial, encontrada na floresta ombrófila e semidecídua, em formações secundárias, matas perturbadas, capoeiras, matas ciliares e áreas de cabruca. Os

frutos são muito procurados por aves e macacos. Espécie dioica, apresentando indivíduos femininos e masculinos em árvores separadas.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente na árvore ou no chão quando iniciar a sua queda, retirar as sementes, lavar em água corrente e secar à sombra. Um quilo contém cerca de 28.700 sementes.

Produção de mudas: semear em canteiros com pouca sombra ou diretamente nos recipientes individuais. A emergência ocorre após 10 a 20 dias e a taxa de germinação é alta. O crescimento é rápido.

Floração: de setembro a novembro.

Frutos maduros: de janeiro a março.

Espécies afins: ocorre também no sul da Bahia o mamão-de-veado-preto, *Jacaratia heptaphylla* (Vell.) A. DC., que é uma espécie encontrada em florestas menos perturbadas e que apresenta folhas menores que a anterior. O nome *Jacaratia dodecaphylla* A. DC. é uma sinonímia botânica usada também para o mamão-de-veado-branco.

MONZÊ

**(*Albizia polycephala* (Benth.) Killip -
Família Fabaceae, ex-Mimosaceae)**

Características: árvore com 10 a 15 m de altura, casca lisa e copa densa, proporcionando boa sombra. Folhas compostas. Fruto tipo vagem deiscente de cor creme.

Distribuição geográfica: espécie de ampla distribuição, ocorrendo na Mata Atlântica e no Brasil Central.

Usos: madeira usada em obras internas e tabuados em geral. Espécie ornamental, pode ser usada para

arborização urbana. É indicada em restauração florestal como preenchimento e também para enriquecimento do solo por apresentar simbiose com bactérias fixadoras de nitrogênio.

Informações ecológicas: planta pioneira a secundária inicial, heliófita, encontrada na floresta ombrófila e semidecídua, mata-de-cipó e caatinga, em formações secundárias e capoeiras, sendo muito frequente em áreas de cabruca.

Obtenção de semente: colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea. Um quilo contém cerca de 25.600 sementes.

Produção de mudas: semear logo após a colheita em canteiros pouco sombreados, cobrindo com fina camada de substrato. A emergência ocorre após 10 a 30 dias e a taxa de germinação é baixa. O crescimento das mudas é rápido.

Floração: de novembro a março.

Frutos maduros: de abril a julho.

OITI (Familia Chrysobalanaceae)

Características: são conhecidas pela denominação geral de “oiti” várias espécies da família Chrysobalanaceae, sendo, em geral, árvores com 20 a 30 m de altura, folhas simples e frutos consumidos pela fauna nativa.

Distribuição geográfica: varia com a espécie, sendo algumas endêmicas do sul da Bahia.

Usos: madeira em geral dura e resistente, usada para obras externas na construção civil. Algumas espécies apresentam frutos comestíveis pelo homem. Indica-

das para enriquecimento e como atrativas da fauna em plantios de restauração florestal.

Informações ecológicas: espécies encontradas principalmente na floresta ombrófila e em restinga arbórea, em formações primárias e secundárias e áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser colhidos no chão logo após a queda natural. Apresentam, em geral, uma semente única e grande que deve ser retirada manualmente do fruto com auxílio de faca ou canivete.

Produção de mudas: as sementes devem ser postas a germinar em sacos individuais, assim que colhidas, e mantidas em local semissombreado. A taxa de germinação é geralmente alta e a emergência rápida. O crescimento inicial em viveiro é rápido, mas em campo é geralmente de lento a moderado.

Floração e frutos maduros: variam com a espécie.

**OLANDI, MUSSERENGUE-VERMELHO,
PITIÁ-DE-LAGOA, GUANANDI,
LANDIRANA**
**(*Symphonia globulifera* L.f. - Família
Clusiaceae)**

Características: árvore com 10 a 25 metros, látex amarelo, tronco com ramificação no ápice e presença de raízes adventícias na base. Folhas simples. Flores vermelhas.

Distribuição geográfica: na região Amazônica e na Mata Atlântica do nordeste ao Rio de Janeiro.

Usos: madeira durável usada em construções civis e navais, portas, janelas, móveis, persianas, bar-

ris de vinho e compensados. A resina da casca é usada na medicina alternativa e para a indústria. Espécie ornamental pela beleza da copa e flores. Indicada nas restaurações de matas ciliares, sendo atrativa da fauna nativa.

Informações ecológicas: planta heliófita, higrófila, seletiva de solos úmidos e alagadiços. Ocorre na floresta ombrófila, primária e secundária, em brejos e baixadas, matas ciliares, restinga arbórea, sendo comum em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore ou no chão quando iniciarem a queda espontânea. Cortar o fruto com cuidado para a liberação das sementes. As sementes podem ser armazenadas por um curto período em geladeira, acondicionadas em sacos plásticos. Um quilo contém cerca de 150 sementes.

Produção de mudas: semear logo após a colheita, diretamente em recipientes individuais, sacos ou tubetes, e irrigar duas vezes ao dia. A taxa de germinação é alta, ocorrendo após 20 a 40 dias. O crescimento das mudas em viveiro e no campo é moderado.

Floração e frutos maduros: variam muito entre as coletas observadas.

Espécies afins: ocorre no sul da Bahia outra espécie da mesma família conhecida também por guanandi ou olandi, *Calophyllum brasiliense* Cambess., sendo esta uma espécie que ocorre na floresta ombrófila e restinga arbórea, cujas sementes são muito procuradas no Sudeste do Brasil para plantio comercial para produção de madeira.

ÓLEO-COMUMBÁ

(*Macrolobium latifolium* Vogel – Família Fabaceae, ex-Caesalpinaceae)

Características: árvore com 20 a 30 m de altura, com copa densa e folhas compostas com dois folíolos. Fruto tipo vagem, lenhoso, achatado, deiscente e liso.

Distribuição geográfica: endêmica da Bahia.

Usos: madeira usada para obras internas em construções civis, cabos de ferramentas e caixotaria. Espécie importante em restaurações de áreas degradadas por se adaptar a solos de baixa fertilidade.

Informações ecológicas: encontrada na floresta ombrófila e em restinga arbórea, em formações primárias e secundárias e áreas de cabruca. Ocorre preferencialmente sobre solos de baixa fertilidade natural, arenosos ou argilosos. Produz anualmente uma grande quantidade de sementes.

Obtenção de sementes: as sementes podem ser colhidas no chão logo após a abertura dos frutos. Um quilo contém cerca de 180 sementes.

Produção de mudas: as sementes devem ser postas a germinar assim que colhidas, pois germinam rápido e não suportam a secagem. Podem ser colocadas em sacos individuais contendo solo organo-arenoso e em local semissombreado. A taxa de germinação é alta e a emergência inicia a partir de sete dias. O crescimento inicial em viveiro é rápido, mas em campo é de lento a moderado.

Floração: de julho a dezembro.

Frutos maduros: de novembro a fevereiro.

**PARAJU, MAÇARANDUBA,
MAÇARANDUBA-DE-ROSETA**
(*Manilkara longifolia* (A. DC.) Dubard -
Família Sapotaceae)

Características: árvore com 15 a 30 m de altura, casca grossa, rígida, com fendas verticais estreitas, látex branco e frutos carnosos.

Distribuição geográfica: espécie endêmica do sul da Bahia e norte do Espírito Santo.

Usos: madeira de lei muito resistente, usada em obras externas e internas, estacas, mastros, pontes, telhado, pisos, tacos de assoalho e de bilhar e arcos de violino. Indicada para enriquecimento em áreas de restauração como atrativa dos animais dispersores de sementes.

Informações ecológicas: ocorre na floresta ombrófila primária e restinga arbórea, sendo encontrada também em algumas áreas novas de cabruca. Produz frutos que sustentam a fauna nativa. Encontra-se ameaçada de extinção devido à intensa pressão de corte seletivo que sofreu para a retirada de madeira, estando incluída na lista vermelha de espécies ameaçadas, de 2008, da IUCN, na categoria “em perigo”.

Obtenção de sementes: os frutos podem ser colhidos diretamente na árvore ou no chão, após a queda. Devem ser amontoados em saco plástico durante alguns dias para decomposição da polpa e retirada das sementes.

Produção de mudas: semear logo após a colheita em canteiros semissombreados com solo arenoso. Irrigar duas vezes ao dia. A emergência ocorre com 40 a 60 dias e a taxa de germinação é baixa. O crescimento das plantas é lento.

Floração: de outubro a novembro.

Frutos maduros: de janeiro a fevereiro.

**PAU-BRASIL, IBIRAPITANGA,
ORABUTÃ, PAU-VERMELHO**
(*Caesalpinia echinata* Lam. – Família
Fabaceae, ex-Caesalpinniaceae)

Características: árvore com 10 a 25m de altura, casca rugosa, ramos espinhosos (acúleos), folhas compostas com folíolos brilhosos e flores amarelas aromatzadas. Fruto tipo vagem espinhosa (acúleos) com deiscência explosiva, contendo uma a duas sementes lisas, chatas e de coloração castanha.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica desde o Rio Grande do Norte até o Rio de Janeiro.

Usos: madeira usada principalmente na fabricação de arcos de violino, servindo também para construções civis, marcenaria de luxo e dormentes. Da madeira se extrai um corante vermelho, usado para tingir tecidos. A árvore é utilizada para arborização urbana e paisagismo. É indicada para enriquecimento em plantios de restaurações florestais.

Informações ecológicas: espécie climácica de ciclo longo, atingindo até 300 anos de idade. Característica da floresta semidecídua, principalmente em formações primárias, sendo encontrada também na floresta ombrófila e em áreas de cabruca. Ocorre geralmente sobre solos bem drenados e com textura de arenosa a franca. O pau-brasil merece destaque especial por ser considerada a árvore símbolo do Brasil e por estar incluída na lista oficial das espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção, de 2008, devido, principalmente, ao corte seletivo que sofreu desde a época do descobrimento e, ultimamente, pela perturbação e fragmentação dos remanescentes florestais.

Obtenção de sementes: coletar os frutos (vagens) diretamente da árvore quando iniciar a abertura espontânea (deiscência explosiva), que dura poucos dias. Um quilo contém cerca de 3.600 sementes.

Produção de mudas: semear logo após a colheita diretamente nos sacos individuais, cobrindo levemente com o substrato. A taxa de germinação varia de 50% a 95 %, dependendo do estágio de maturação do fruto e, caso tenha sido coletada no chão, do tempo que levou da deiscência do fruto até a colheita. A germinação inicia após 8-15 dias. O crescimento das mudas em viveiro é rápido, mas em campo é lento.

Floração: pode variar, ocorrendo principalmente de agosto a dezembro.

Frutos maduros: de outubro a abril.

PAU-D'ALHO

**(*Gallesia integrifolia* (Spreng.) Harms –
Família Phytolaccaceae)**

Características: árvore com 20 a 30 m de altura, casca lisa acinzentada, com forte cheiro de alho.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica do nordeste ao sudeste e no Brasil Central.

Usos: madeira pouco resistente, usada em tabuados, caixotaria, forros e construções temporárias. O chá da casca é utilizado na medicina caseira no combate à gripe, tosse e pneumonia. A árvore pode ser usada também como ornamental em paisagismo. É indicada como árvore de sombra para gado em pastos, pois o seu cheiro espanta os insetos. A casca é consumida por roedores. A espécie pode ser plantada em restaurações florestais

como enriquecimento e atrativa da fauna. É usada como indicadora de solos férteis.

Informações ecológicas: espécie secundária tardia, heliófita, mas que tolera algum sombreamento. Ocorre na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, mata ciliar e em áreas de cabruca. Prefere solos profundos de fertilidade alta.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando iniciar a queda espontânea. Os frutos secos alados podem ser utilizados diretamente para a semeadura, já que a retirada da semente é trabalhosa.

Produção de mudas: semear os frutos assim que coletados, em canteiros com pouca sombra, cobertos com fina camada de substrato. A taxa de germinação é alta e a emergência ocorre após 10 a 20 dias. O desenvolvimento das mudas é rápido.

Floração: de março a maio.

Frutos maduros: de agosto e setembro.

PAU-ÓLEO, PAU-ÓLEO-COPAÍBA, COPAÍBA

(*Copaifera lucens* **Dwyer**, *Copaifera langsdorffii* **Desf.**, *Copaifera multijuga* **Hayne**, *Copaifera trapezifolia* **Hayne** -
Família Fabaceae, ex-Caesalpinaceae)

Características: árvores com 20 a 35 m de altura, tronco retilíneo e folhas compostas. Fruto tipo vagem seca, deiscente, ovoides, achatada e de cor marrom. Sementes pretas, parcialmente envolvidas em arilo alaranjado.

Distribuição geográfica: varia de acordo com a espécie.

Usos: madeira de alta durabilidade usada em construções civis, como vigas, caibros, ripas, tábuas para assoalho e na confecção de móveis e peças torneadas em geral. O principal produto é o óleo-de-copaíba, de alto valor comercial, que é extraído do tronco da árvore, furando até o cerne da madeira com uso de um trado. O óleo é usado na indústria de cosméticos e de fitoterápicos, apresentando propriedades antibióticas, antiinflamatórias e cicatrizantes. É utilizado na medicina caseira para curar feridas e moléstias da pele e no tratamento de afecções de garganta e pulmão. Pode ser utilizado, também, como combustível de motor e para fabricação de tintas e vernizes. As flores são melíferas. São espécies indicadas para plantio em sistemas agroflorestais, como produtoras de óleo, e em restauração florestal, como atrativas da fauna.

Informações ecológicas: espécies de crescimento lento, encontradas na floresta ombrófila e semidecídua, em formações primárias e secundárias, mata ciliar e áreas de cabruca. O arilo da semente é consumido por diversos animais.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando iniciar a abertura espontânea. Deve ser retirado o arilo antes da secagem da semente para armazenamento. Um quilo contém cerca de 1.720 sementes.

Produção de mudas: semear em canteiros ou sacos individuais. A taxa de germinação é geralmente de baixa a média, mas pode ser aumentada pela imersão das sementes em água fria por 18 a 72 horas. A emergência ocorre após 20 a 40 dias. O desenvolvimento das mudas é lento em viveiro e em campo.

Floração e frutos maduros: podem variar com a espécie.

PAU-PARAÍBA

(*Simarouba amara* Aubl. - Família
Simaroubaceae)

Características: árvore com 20 a 30 m de altura, com casca pardo-acinzentada, folhas compostas e flores pequenas de cor creme. Os frutos são carnosos de cor roxo-escuro, tendo uma polpa escura e adocicada.

Distribuição geográfica: na Amazônia e na Mata Atlântica do sul da Bahia ao Rio de Janeiro.

Usos: madeira pouco durável, leve, usada em forros, tabuados em geral, saltos de sapatos, palitos de fósforo, portas, instrumentos musicais e produção de celulose. Possui características ornamentais, podendo ser usada em paisagismo. Indicada para reflorestamentos destinados à exploração de celulose (44% de pasta) e para restaurações florestais como atrativa da fauna.

Informações ecológicas: espécie secundária tardia, heliófita, encontrada na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, capoeiras, áreas perturbadas e restinga arbórea, sendo frequente em áreas de cabruca. Seus frutos são consumidos por aves.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore ou no chão quando iniciar a queda espontânea. Se o plantio for imediato, não é necessário retirar a semente do fruto, mas, se for armazenar as sementes ou enviar para outros locais, é conveniente despolpar antes.

Produção de mudas: semear em canteiros ou diretamente em recipientes individuais, sacos ou tubetes, cobrindo com fina camada de substrato e deixando em local com pouca sombra. Irrigar duas vezes ao dia. A

taxa de germinação é moderada e as plântulas começam a aparecer após 20 a 40 dias. O crescimento em campo é rápido.

Floração: de agosto a setembro.

Frutos maduros: de novembro a dezembro.

PAU-POMBO

(*Tapirira guianensis* Aubl. - Família Anacardiaceae)

Características: árvore com 10 a 20 m de altura, folhas compostas com folíolos variáveis em tamanho. Frutos maduros pequenos e escuros, disseminados por aves.

Distribuição geográfica: espécie de ampla distribuição, ocorrendo em todo o Brasil.

Usos: madeira leve e macia usada para compensados, saltos de sapatos, cabos de vassoura, móveis comuns, brinquedos e caixotaria, fornecendo excelente lenha. É muito indicada para plantio em restaurações florestais como preenchimento e atração da fauna nativa.

Informações ecológicas: espécie secundária inicial, encontrada na floresta ombrófila secundária, matas perturbadas, capoeiras, matas ciliares e restinga arbórea, sendo frequente em áreas de cabruca. Seus frutos são muito procurados pelos animais.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando maduros. Despolpar manualmente, lavar em água corrente dentro de uma peneira e secar posteriormente para armazenamento. Um quilo contém cerca de 20.700 sementes.

Produção de mudas: semear diretamente os frutos ou as sementes beneficiadas em canteiros ou nos reci-

pientes individuais e cobrir com fina camada de substrato. Manter em local com pouca sombra e irrigar duas vezes ao dia. A taxa de germinação é elevada e as plântulas começam a emergir com 15 a 30 dias. O desenvolvimento das mudas em viveiro e em campo é rápido.

Floração: de setembro a maio.

Frutos maduros: de fevereiro a agosto.

PAU-SANGUE

(*Pterocarpus rohrii* Vahl. - Família Fabaceae)

Características: árvore com 20 a 35 m de altura, casca clara amarelada, apresentando raízes tabulares. Folhas compostas com 5-7 folíolos glabros.

Distribuição geográfica: na Amazônia e na Mata Atlântica do sul da Bahia, Minas Gerais até o Paraná.

Usos: madeira leve de baixa resistência, usada para acabamentos internos, como rodapés, molduras, confecção de peças torneadas, portas e painéis. Espécie de características ornamentais, pode ser usada em paisagismo e arborização urbana. Indicada para restauração florestal e melhoramento de solos degradados por apresentar simbiose com bactérias fixadoras de nitrogênio.

Informações ecológicas: espécie secundária tardia que pode atingir grande porte na região sul da Bahia, ocorrendo em floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, restinga arbórea e mata ciliar, sendo frequente em áreas de cabruca.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore ou no chão assim que iniciar a queda espontânea. A abertura do fruto para retirada da semente

é trabalhosa e desnecessária. Os frutos secos podem ser armazenados por mais de seis meses. Um quilo contém cerca de 1.530 sementes.

Produção de mudas: semear os frutos em canteiros ou em sacos individuais, em local pouco sombreado, cobrindo com uma fina camada de substrato. Irrigar duas vezes ao dia. A taxa de germinação é mediana e a emergência ocorre com cerca de 30 a 50 dias. O crescimento das mudas em viveiro e em campo é moderado.

Floração: de outubro até dezembro, podendo ocorrer também em maio.

Frutos maduros: de abril a agosto, podendo permanecer mais tempo na árvore.

PEQUI-PRETO, PEQUI-VERDADEIRO *(Caryocar edule* **Casar. - Família** **Caryocaraceae)**

Características: árvore com 35 a 50 m de altura, folhas compostas, frutos maduros verdes com endocarpo espinhoso (acúleos).

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica do sul da Bahia até o norte do Rio de Janeiro.

Usos: a madeira, pesada e dura, é procurada por serrarias, sendo usada para construção civil e naval, dormentes, assoalhos, esteios e vigas. As sementes são comestíveis, sendo consumidas pelos trabalhadores rurais. Indicada para plantio de enriquecimento em restaurações florestais.

Informações ecológicas: espécie de grande porte, emergente, heliófita, embora as plântulas sejam parcialmente tolerantes ao sombreamento. Encontrada na

floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária. É uma espécie frequente nos remanescentes florestais da região e em áreas de cabruca, ocorrendo com baixa densidade, sendo aparentemente indiferente ao nível de fertilidade do solo. Sua frequência tem diminuído com a pressão do corte seletivo ilegal nos remanescentes.

Obtenção de sementes: colher os frutos no chão após a queda espontânea. A retirada do endocarpo do fruto é difícil, mas se for retirado, a germinação da semente é bem mais rápida.

Produção de mudas: semear em canteiros com substrato organo-arenoso. A semente pode demorar até seis meses para germinar sem a retirada do endocarpo. As plântulas emitem um vigoroso ramo aéreo antes de iniciar o crescimento da raiz, o que facilita o transplante da muda para os sacos individuais. O crescimento inicial da muda em viveiro é rápido, mas em campo é moderado.

Floração: de dezembro a janeiro.

Frutos maduros: de fevereiro a agosto.

PIAÇAVA

(*Attalea funifera* Mart. - Família
Arecaceae)

Características: palmeira de 8 a 15 m de altura, com estipe reta e cilíndrica, sem perfilhamento na base. Flores de cor amarelo-pálido. Os frutos quando maduros são esverdeados no ápice e dourados na base, medem 10-15 cm de comprimento, pesam entre 200 e 270 g e apresentam 1 a 3 sementes.

Distribuição geográfica: trata-se de uma espécie endêmica, cuja ocorrência está restrita à faixa litorânea

da Mata Atlântica de Sergipe até o município de Prado, no sul da Bahia, em solos de baixa fertilidade e ácidos.

Usos: fornece fibras elásticas, com alta flexibilidade e impermeáveis, usadas no mercado interno e externo para a fabricação de vassouras caseiras e mecânicas, como isolante térmico e cordas para amarração de navios. A “borra”, um subproduto da fibra, é bastante comercializada para a cobertura de casas e cabanas e atinge, em algumas épocas, valor comercial maior que a própria fibra. Das sementes se extrai um fino óleo e os frutos são aproveitados na transformação em carvão vegetal. Cada cacho produz, em média, 230 cocos e 55 quilos, podendo chegar a 70 quilos. É indicada para plantio comercial, em sistemas agroflorestais, e para plantio de enriquecimento, como atrativa da fauna, em áreas de restauração.

Informações ecológicas: a espécie ocorre na floresta ombrófila, primária e secundária, em áreas perturbadas e abertas (capoeiras baixas e pastagens), e em restinga arbórea. Trata-se de um produto basicamente extrativista e os frutos são muito apreciados pelos mamíferos.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando maduros (isto é, no momento em que os primeiros frutos começam a cair), ou no chão logo que iniciar a queda espontânea, para evitar o ataque de pragas. A viabilidade das sementes em armazenamento, mantidas nos frutos, é inferior a três meses. Os frutos são muito pesados (4 a 5 por quilo), com um total de 4 a 15 sementes.

Produção de mudas: recomenda-se plantar os frutos diretamente na sementeira ou em sacos individuais grandes, retirando-se, antes, somente a camada externa (casca), deixando-os imersos em água fria por um a três dias antes da semeadura. A emergência é demorada e o

aparecimento da primeira folha só acontece após 90 dias, podendo se estender até sete meses. A taxa de germinação varia com o estágio de maturação do fruto e o tratamento pré-semeadura. O crescimento da planta é lento.

Floração: durante todo o ano, com pico no verão, entre dezembro e abril.

Frutos maduros: basicamente durante todo o ano.

PUTUMUJU, PUTUMUJU-GIGANTE **(*Centrolobium robustum* (Vell.) Mart. ex** **Benth. - Família Fabaceae)**

Características: árvore com 20 a 30 m de altura, casca rugosa, folhas compostas com 9 a 13 folíolos. Frutos grandes espinhosos (acúleos) com asa lisa.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica do Ceará ao Paraná.

Usos: madeira usada para confeccionar móveis de luxo, peças torneadas ou estruturais, construção civil e naval, tacos para assoalhos, dormentes e mourões para locais de brejo ou de alta umidade. Indicada para enriquecimento em restaurações florestais.

Informações ecológicas: espécie secundária tardia, heliófita, característica da floresta semidecídua, primária e secundária, ocorrendo também na floresta ombrófila e em áreas de cabruca. Prefere áreas bem drenadas com solos de boa fertilidade.

Obtenção de sementes: coletar os frutos do chão após a queda espontânea ou colher diretamente na árvore. Cortar a asa com tesoura para melhor contato com o solo. A retirada da semente do fruto é trabalhosa. Um quilo contém de 70 a 75 unidades.

Produção de mudas: semear os frutos assim que coletados em canteiros com solo organo-arenoso. A emergência ocorre entre 14 e 60 dias e a taxa de germinação é alta. O crescimento das mudas em viveiro é rápido e o das plantas em campo, moderado.

Floração: de fevereiro a maio.

Frutos maduros: de agosto a novembro.

Espécies afins: ocorrem no sul da Bahia outras espécies de putumuju, como *Centrolobium tomentosum* Guillem. ex Benth. (putumuju-piloso), que apresenta as folhas e frutos pilosos, e *Centrolobium microchaete* (Mart. ex Benth.) H.C. Lima (putumuju-mirim), que apresenta frutos menores que as outras duas espécies.

SAPUCAIA

**(*Lecythis pisonis* Cambess. - Família
Lecythidaceae)**

Características: árvore com 20 a 35 m de altura, com casca muito grossa e dura, de cor pardo-escura, fendilhada. Folhas de cor rósea quando novas. Flores aromáticas, de cor violeta-clara a brancas quando velhas. Fruto tipo pixídio lenhoso, de tamanho grande e liso. Sementes tipo amêndoa (castanha), oleaginosas e comestíveis.

Distribuição geográfica: na Amazônia e na Mata Atlântica do Ceará até o Rio de Janeiro.

Usos: madeira durável e resistente, procurada por serrarias, usada para obras externas, construção civil, postes, pontes, mastros, estacas, mourões, telhados e confecção de peças torneadas. Espécie ornamental pela beleza de suas folhas novas. As sementes são consumidas *in natura* pelos trabalhadores rurais e usadas para fazer

paçoca. O fruto é utilizado como recipiente e para artesanato. Indicada para restaurações florestais como atrativa da fauna.

Informações ecológicas: espécie decídua, perde todas as suas folhas antes da floração. Ocorre na floresta ombrófila e semidecídua, primária e secundária, sendo frequente em áreas de cabruca. As sementes são dispersas por morcegos e consumidas por diversos animais.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando maduros. Secar ao sol para abertura e retirada de sementes. Um quilo contém cerca de 180 sementes.

Produção de mudas: colocar as sementes para germinar assim que coletadas, em sacos individuais com solo organo-argiloso e colocar em local semissombreado. A taxa de germinação é moderada. A emergência ocorre após 40 a 70 dias.

Floração: de setembro a novembro, juntamente com o lançamento de folhas.

Frutos maduros: de agosto a setembro.

Espécies afins: outra espécie de sapucaia que ocorre na região é *Lecythis lanceolata* Poir. (sapucaia-mirim) que se diferencia da espécie anterior por apresentar frutos menores.

SUCUPIRA-MIRIM, SUCUPIRA-PARDA **(*Bowdichia virgilioides* Kunth - Família** **Fabaceae)**

Características: árvore com 8 a 20 m de altura, de casca grossa fendilhada com cristas irregulares. Fo-

lhas compostas. Flores de cor violeta. Frutos tipo vagem indeiscente, chatos e pequenos.

Distribuição geográfica: encontrada na Mata Atlântica, entre Bahia e São Paulo, e no Cerrado (Sul do Pará, Bahia, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul).

Usos: madeira durável, usada em obras internas, como assoalhos, molduras e portas. É ornamental, podendo ser usada para paisagismo e arborização urbana. Adaptada a solos de baixa fertilidade, é indicada para restauração de áreas degradadas.

Informações ecológicas: espécie secundária inicial, heliófita, ocorre no sul da Bahia em floresta ombrófila e semidecídua, mata-de-cipó e restinga arbórea, principalmente em formações secundárias, capoeiras e matas perturbadas, ocorrendo também em áreas de cabruca e árvores isoladas em pastagens. Prefere áreas altas de boa drenagem, sendo adaptada a solos secos e pobres.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a queda espontânea. Secar para abertura e liberação das sementes. Estas podem ser armazenadas por mais de quatro meses sem perder a viabilidade. Um quilo contém cerca de 36.700 sementes.

Produção de mudas: semear em canteiros pouco sombreados ou em pleno sol, recobrimdo as sementes com uma fina camada de substrato. Irrigar uma vez ao dia. A taxa de germinação é baixa e a emergência ocorre com 30 a 60 dias. O crescimento das mudas é rápido em viveiro e em campo.

Floração: de setembro a novembro.

Frutos maduros: de novembro a fevereiro.

VINHÁTICO, VINHÁTICO-FLOR-DE-ALGODÃO

(*Plathymenia foliolosa* Benth. - Família Fabaceae, ex-Mimosaceae)

Características: árvore com 15 a 30 m de altura, de casca dura, parda, em lâminas que desprendem do ápice. Folhas compostas. Fruto tipo vagem, plano, liso e de cor pardo-avermelhada.

Distribuição geográfica: na Mata Atlântica desde Pernambuco até o Rio de Janeiro.

Usos: madeira durável, usada em móveis de luxo, painéis, nas construções civis, molduras, persianas, forros, tacos e tábuas para assoalho, portas e tonéis de vinho. A árvore é bastante ornamental. Indicada para restauração florestal e melhoria da fertilidade dos solos por apresentar simbiose com bactérias fixadoras de nitrogênio.

Informações ecológicas: espécie secundária tardia, heliófita, encontrada na floresta semidecídua, primária e secundária, e em áreas de cabruca. Prefere solos férteis e bem drenados.

Obtenção de sementes: coletar os frutos diretamente da árvore e secar ao sol para abertura e liberação de sementes. Estas mantêm a viabilidade por mais de quatro meses quando armazenadas. Um quilo contém cerca de 16.800 sementes.

Produção de mudas: semear em canteiros com pouca sombra e cobrir com fina camada de substrato. Irrigar duas vezes ao dia. A taxa de germinação é baixa e a emergência inicia com 8 a 20 dias. O crescimento das mudas em viveiro é lento e em campo é moderado.

Floração: de novembro a dezembro, juntamente com lançamento de folhas.

Frutos maduros: de julho até agosto.

Espécies afins: ocorre também na região *Plathymenia reticulata* Benth. (vinhático-castanho), com características gerais semelhantes às da espécie anterior.

Lista das espécies por nomes científicos

Albizia polycephala (Benth.) Killip ex Record (monzê - Família Fabaceae)

Apeiba albiflora Ducke (jangada-branca, pau-de-jangada - Família Malvaceae, ex-Tiliaceae)

Arapatiella psilophylla (Harms) R.S. Cowan (arapati, faveca-vermelha - Família Fabaceae)

Attalea funifera Mart. (Piaçava - Família Arecaceae)

Bowdichia virgilioides Kunth (sucupira-mirim, sucupira-parda - Família Fabaceae)

Brosimum rubescens Taub. (condurú, condurú-vermelho - Família Moraceae)

Caesalpinia echinata Lam. (pau-brasil, ibirapitanga, orabutã, pau-vermelho - Família Fabaceae)

Cariniana estrellensis (Raddi) Kuntze (jequitibá-cipó, jequitibá-branco - Família Lecythidaceae)

Cariniana legalis (Mart.) Kuntze (jequitibá-rosa - Família Lecythidaceae)

Carpotroche brasiliensis (Raddi) Endl. (fruto-de-paca, fruto-de-cotia - Família Achariaceae, ex-Flacourtiaceae)

Caryocar edule Casar. (pequi-preto, pequi-verdadeiro - Família Caryocaraceae)

Cedrela odorata L. (cedro-rosa - Família Meliaceae)

Centrolobium robustum (Vell.) Mart. ex Benth. (putumuju, putumuju-gigante - Família Fabaceae)

Copaifera langsdorffii Desf. (pau-óleo, pau-óleo-copaíba, copaíba - Família Fabaceae)

Copaifera lucens Dwyer (pau-óleo, pau-óleo-copaíba, copaíba - Família Fabaceae)

Copaifera multijuga Hayne (pau-óleo, pau-óleo-copaíba, copaíba - Família Fabaceae)

Copaifera trapezifolia Hayne (pau-óleo, pau-óleo-copaíba, copaíba-folha-de-arruda - Família Fabaceae)

Cordia trichotoma (Vell.) Arráb. ex Steud. (claraíba-parada, laurel - Família Boraginaceae)

Dalbergia nigra (Vell.) Allemão ex Benth. (jacarandá-da-bahia - Família Fabaceae)

Dialium guianense (Aubl.) Sandwith (jिताí-preto - Família Fabaceae)

Eschweilera ovata (Cambess.) Miers (biriba - Família Lecythidaceae)

Euterpe edulis Mart. (juçara, jussara, palmitreiro - Família Arecaceae)

Gallesia integrifolia (Spreng.) Harms (pau-d'alho - Família Phytolaccaceae)

Hyeronima alchorneoides Allemão (cajueiro-bravo - Família Euphorbiaceae)

Hymenaea oblongifolia Huber var. *latifolia* Y. T. Lee & Langenh. (jatobá - Família Fabaceae)

Inga affinis DC. (ingá, ingá-cipó - Família Fabaceae)

Inga edulis Mart. (ingá, ingá-de metro - Família Fabaceae)

Inga marginata Willd. (ingá, ingá-mirim - Família Fabaceae)

Inga nuda Salzm. ex Benth. (ingá, ingá-sabão - Família Fabaceae)

Jacaratia spinosa (Aubl.) A. DC. (mamão-de-veado-branco - Família Caricaceae)

Joannesia princeps Vell. (dandá, boleira, andá-açu - Família Euphorbiaceae)

Lecythis lurida (Miers) S.A. Mori (inhaíba, inhaíba-gigante - Família Lecythidaceae)

Lecythis pisonis Cambess. (sapucaia - Família Lecythidaceae)

Luehea divaricata Mart. (açoita- cavalo - Família Malvaceae, ex-Tiliaceae)

Macrolobium latifolium Vogel (óleo-cumumbá - Família Fabaceae)

Manilkara elata (Allemão ex Miq.) Monach. (maçaranduba - Família Sapotaceae)

Manilkara longifolia (A. DC.) Dubard (paraju, maçaranduba-de-roseta - Família Sapotaceae)

Manilkara maxima T.D. Penn. (maçaranduba-apraíú, paraju, maçaranduba-do-brejo - Família Sapotaceae)

Manilkara multifida T.D. Penn. (maçaranduba – Família Sapotaceae)

Manilkara salzmannii (A. DC.) H.J. Lam (maçaranduba-mirim-do-litoral, maçaranduba-verdadeira - Família Sapotaceae)

Melanoxylon brauna Schott (braúna, baraúna, braúna-verdadeira, braúna-preta - Família Fabaceae)

Micropholis crassipedicellata (Mart. & Eichler) Pierre
(bacumuxá, bacumixá, pau-de-remo, grumixá - Família Sapotaceae)

Moldenhawera floribunda Schrad. (faveca - Família Fabaceae)

Parkia pendula (Willd.) Benth. (juerana-vermelha, juerana-prego, visgueiro - Família Fabaceae)

Plathymenia foliolosa Benth. (vinhático, vinhático-flor-de-algodão - Família Fabaceae)

Protium heptaphyllum (Aubl.) Marchand (amescla, amescla-mirim, amescla-da-praia, breu-amescla, incenso, breu-branco-da-praia - Família Burseraceae)

Pterocarpus rohrii Vahl. (pau-sangue - Família Fabaceae)

Rheedia macrophylla (Mart.) Planch. & Triana (bacupari - Família Clusiaceae)

Schinus terebinthifolius Raddi (aroeira, aroeira-vermelha, aroeira-de-remédio - Família Anacardiaceae)

Schizolobium parahyba (Vell.) S.F. Blake (guapuruvu, fcheira, pinho-branco - Família Fabaceae)

Senna multijuga (L. C. Rich.) H. S. Irwin & Barneby (cobi, cobi-amarelo - Família Fabaceae)

Simarouba amara Aubl. (pau-paia - Família Simaroubaceae)

Sloanea obtusifolia (Moric.) K. Schum. (gingiba - Família Elaeocarpaceae)

Swartzia macrostachya Benth. (jacarandá-branco, jacarandá - Família Fabaceae)

Symphonia globulifera L.f. (olandi, musserengue-vermelho, pitiá-de-lagoa, landirana - Família Clusiaceae)

Tabebuia heptaphylla (Vell.) Toledo (ipê-roxo, pau-d'arco-roxo - Família Bignoniaceae)

Tabebuia impetiginosa (Mart. ex DC.) Standl. (ipê-preto, pau-d'arco-preto, ipê-roxo, ipê-una - Família Bignoniaceae)

Tabebuia serratifolia (Vahl) G. Nicholson (ipê-amarelo, pau-d'arco-amarelo - Família Bignoniaceae)

Tachigali multijuga Benth. (ingauçu-gigante - Família Fabaceae)

Tapirira guianensis Aubl. (pau-pombo - Família Anacardiaceae)

Terminalia kuhlmannii Alwan & Stace (araçá-d'água - Família Combretaceae)

Vataireopsis araroba (Aguiar) Ducke (angelim-araroba, amargoso, araroba, pau-amargoso - Família Fabaceae)

Virola gardneri (A. DC.) Warb. (bicuiba-vermelha, urucuba - Família Myristicaceae)

Virola officinalis (Mart.) Warb. (bicuiba-branca - Família Myristicaceae)

Bibliografia

CARVALHO, P. E. R. **Espécies florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira.** Brasília: Embrapa/CNPQ/SPI. 1994. 639 p.

CORREA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas.** v. 1. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926. 747 p.

CORREA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas.** v. 2. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931. 707 p.

CORREA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas.** v. 3. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952. 646 p.

CORREA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas.** v. 4. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1969. 756 p.

CORREA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas.** v. 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1974. 687 p.

CORREA, M. P. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas.** v. 6. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1975. 777 p.

FEIJÓ, N. S. A.; MIELKE, M. S.; GOMES, F. P.; FRANÇA, S.; LAVINSKY, A. O. Growth and photosynthetic responses of *Gallesia integrifolia* (Spreng.) Harms and *Schinus terebinthifolius* Raddi seedlings in dense shade. **Agroforestry Systems**, 2009. DOI 10.1007/s10457-008-9190-x.

IUCN. **2008 IUCN Red List of Threatened Species**. Disponível em: < <http://www.iucnredlist.org> >. Acesso em: 07 maio 2009.

LEWINS, G. P. **Legumes of Bahia**. Kew: Royal Botanic Gardens, 1987. 369p.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 352p.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. v. 2. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. 368p.

MISSOURI BOTANICAL GARDEN. **Tropicos.org**. Disponível em: <<http://www.tropicos.org>>. Acesso em 07 maio 2009.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Instrução Normativa Nº 6 de 23 de setembro de 2008 - Lista Oficial das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção**. Brasília: MMA, 2008. 55 p.

PENNINGTON, P. D. SAPOTACEAE. In: **Flora Neotropica**. New York: The New York Botanical Garden Press, 1990. 770 p. (Monograph 52).

PRANCE, G. T. Chrysobalanaceae. In: **Flora Neotropica**. New York: The New York Botanical Garden Press, 1972. 409 p. (Monograph 9).

PRANCE, G. T.; FREITAS DA SILVA, M. Caryocaraceae. In: **Flora Neotropica**. New York: The New York Botanical Garden Press, 1973. 75 p. (Monograph 12).

PRANCE, T. G.; MORI, S. A. Lecythidaceae. Part I. In: **Flora Neotropica**. New York: The New York Botanical Garden Press, 1979. 376 p. (Monograph 21).

RIZZINI, C. T. **Árvores e madeiras úteis do Brasil**: manual de dendrologia brasileira. São Paulo: Edgard Blücher, 1978. 296p.

ROYAL BOTANIC GARDENS. **The International Plant Names Index - Index Kewensis**. Disponível em: <<http://www.ipni.org>>. Acesso em 07 maio 2009.

SAMBUICHI, R. H. R. **Ecologia da vegetação arbórea de cabruca – Mata Atlântica raleada utilizada para cultivo de cacau – na região sul da Bahia**. Brasília. Tese (Doutorado), Universidade de Brasília. Brasília. 2003. 161 p.

SAMBUICHI, R. H. R.; OLIVEIRA, R. M.; MARIANO-NETO, E.; JESUS JÚNIOR, C. P.; THÉVENIN, J. M. R.; OLIVEIRA, R. L.; PELIÇÃO, M. C. Status de conservação de dez árvores endêmicas da Floresta Atlântica do sul da Bahia – Brasil. **Natureza & Conservação**, v. 6, n. 1, p. 90-108, 2008.

SILVA, L. A. M.; JARDIM, J. G.; THOMAS, W. W.; SANTOS, T. Common names of vascular plants of the Atlantic Coastal Forest region of Southern Bahia, Brazil. In: THOMAS, W. W. (Ed.) **The Atlantic Coastal Forest of Northeastern Brazil**. New York: The New York Botanical Garden Press, 2008. p. 245-318.

THE NEW YORK BOTANICAL GARDEN. **The C. V. Starr Virtual Herbarium**. Disponível em: <<http://sciweb.nybg.org/science2/vii2.asp>>. Acesso em 07 maio 2009.

THOMAS, W. W.; CARVALHO, A. M.; AMORIM, A. M. A.; GARRISON, J. E.; ARBELÁEZ, A. L. Plant endemism in two forests in southern Bahia, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, v. 7, p. 311-322, 1998.

THOMAS, W. W.; CARVALHO, A. M. V.; AMORIM, A. M. A.; GARRISON, J.; SANTOS, T. S. Diversity of woody plants in the Atlantic coastal forest of southern Bahia, Brazil. In: THOMAS, W.W. (Ed.) **The Atlantic Coastal Forest of Northeastern Brazil**. New York: The York Botanical Garden Press, 2008. p. 21-66.

THOMAS, W. W.; JARDIM, J. G.; FIASCHI, P.; AMORIM, A. M. A. Lista preliminar das angiospermas localmente endêmicas do sul da Bahia e norte do Espírito Santo, Brasil. In: **Corredor de biodiversidade da Mata Atlântica do sul da Bahia**. Ilhéus: IESB-Conservation International, 2003. (CD-ROM).

VINHA, S. G.; LOBÃO, D. E. V. P. **Frutificação e germinação das espécies arbóreas nativas do sudeste da Bahia**. Ilhéus: CEPLAC/CEPEC, 1982. 19p. (Boletim Técnico 94).

VINHA, S. G.; SILVA, L. A. M. **Árvores aproveitadas como sombreadoras de cacaueiros no sul da Bahia e norte do Espírito Santo**. Ilhéus: CEPLAC, 1982. 136 p.

VINHA, S. G.; SILVA, L. A. M. **A piaçaveira da Bahia**. Ilhéus: Editus, 1998. 48p.

VINHA, S. G.; RAMOS, T. S.; HORI, M. Recursos Florestais: Inventário Florestal. In: **Diagnóstico Socioeconômico da Região Cacaueira**. Ilhéus: CEPLAC/IICA, 1976. p. 20-121.